

PEDRO HENRIQUE RODRIGUES MAGRI

A INTERFERÊNCIA NORTE-AMERICANA NA IMPRENSA BRASILEIRA: O CASO DO
JORNAL A NOITE

Mariana

Instituto de Ciências Humanas e Sociais/ UFOP

2014

PEDRO HENRIQUE RODRIGUES MAGRI

A INTERFERÊNCIA NORTE AMERICANA NA IMPRENSA BRASILEIRA:
O CASO DO JORNAL A NOITE

Monografia apresentada ao Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em História.

Orientador: Prof^o. Dr. Jefferson José Queler

RESUMO

O presente trabalho pretende construir novos argumentos que reforçam as teses amplamente difundidas por Renè Dreifuss e Carlos Fico sobre a fundamental participação norte-americana na preparação do cenário político brasileiro nos anos que antecederam o golpe militar de 1964. Para tal tarefa, pretendo analisar algumas reportagens e colunas presentes no vespertino carioca *A Noite*, mostrando através desse jornal, como a imprensa carioca, por meio do IBAD, procurou manipular a opinião pública brasileira ao comprar a posição política de alguns jornais para fazer campanha contrária ao governo de João Goulart, e, dessa forma, atender diretamente aos interesses norte-americanos na América do Sul.

Palavras-chave: IBAD. Opinião Manipulada. A Noite. Cenário Político Brasileiro. Interesses norte-americanos.

ABSTRACT

The present work aims at developing new arguments which reinforce the theses widely disseminated by Renè Dreifuss and Carlos Fico, about the fundamental North American participation in the preparation of the Brazilian political scenario in the years preceding the Military Coup of 1964. For such task, some pieces of news and columns taken from an evening newspaper from Rio de Janeiro *A Noite* were analyzed, in order to show how the press in Rio de Janeiro, through IBAD, manipulated the Brazilian public opinion in favor of North American interests in South America.

Keywords: IBAD. Manipulated opinion, *A Noite newspaper*, Brazilian Political Scenario, North American interests.

SUMÁRIO

Resumo	3
Introdução.....	5
1- Panorama do Cenário Político da Guerra Fria. Os fatores que Motivaram o Intervencionismo Norte-Americano na América Latina.....	6
1.1- Formas de Intervencionismo Norte Americano na América Latina	7
1.2- A Atuação Norte-Americana no Brasil. IBAD, Um Agente dos Estados Unidos em Pleno Território Nacional	9
2- A Trajetória do Jornal <i>A Noite</i>	11
2.1 A Relação do <i>A Noite</i> na Política Brasileira	13
3- As Eleições de 1962. A Mudança de Postura do <i>A Noite</i> Para com Carlos Lacerda e o Apoio aos Candidatos do IBAD	19
4- O Desenrolar da Trama: O raio-X Por Trás do Esquema IBAD <i>A Noite</i>	26
5- O Resultado das Eleições de 1962. A Frustração do Esquema	29
6- A Guerra Declarada: O Último Discurso do Presidente e a Nova Postura Política do <i>A Noite</i>	32
7- A Cartada Final: O Golpe Militar de 1964.....	38
8-Conclusão.....	44
9- Bibliografia.....	46

INTRODUÇÃO

No início dos anos 60, em decorrência da crise política externa vivida com Cuba, declarada socialista em 1961 o governos Dwight Eisenhower e John Kennedy adotaram uma política externa mais intervencionista com relação aos demais países da América Latina. Pelo fato de Cuba ter se declarado socialista, os Estados Unidos passaram a investir pesado na criação de instituições e em programas de combate ao comunismo nas suas áreas de influência. Programas como a Aliança para o Progresso, criada em 1961 no governo Kennedy e instituições como a Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID), são exemplos dos inúmeros esforços norte-americanos para tentar salvaguardar sua tutela sobre áreas de influência tão estimadas.

No caso brasileiro, a atuação externa norte-americana esteve representada por uma instituição específica: o Instituto Brasileiro de Ação Democrática (IBAD). Funcionando como uma espécie de órgão mediador de finanças, o IBAD era responsável por repassar o dinheiro advindo do governo dos Estados Unidos e do empresariado americano aos veículos de informação para a criação de propagandas de caráter anticomunista que seriam amplamente difundidas nos principais veículos de imprensa do Brasil.

O projeto em questão pretende aprofundar a investigação sobre a participação do governo norte-americano na desestabilização do governo Goulart a partir da análise do vespertino carioca “A Noite”. O objetivo deste projeto é encontrar nomes de políticos que estavam sendo apoiados pelo jornal com o dinheiro do IBAD, demonstrando de que forma os Estados Unidos, a partir da imprensa e da propaganda, interferiram na política brasileira na primeira metade da década de 1960. Para tanto, serão analisados os três meses do jornal *A Noite* que antecedem as eleições de 1962: agosto, setembro e outubro – material farto, em se tratando de um periódico diário.

1 PANORAMA DO CENÁRIO POLÍTICO DA GUERRA FRIA. OS FATORES QUE MOTIVARAM O INTERVENCIONISMO NORTE-AMERICANO NA AMÉRICA LATINA.

A partir de 1953, a União Soviética, sob a liderança de Nikita Khrushchev, inicia um amplo programa de apoio econômico a diversos países da América Latina visando ampliar suas áreas de influência sobre o continente¹. A estratégia soviética tem êxito e consegue contagiar não somente Cuba, que se torna a “porta de entrada” tanto para o socialismo na América, mas outros países do continente que acabam simpatizando com os ideais do gigante do leste europeu. No entanto, a difusão do socialismo na América é considerada uma ameaça em potencial às pretensões hegemônicas norte-americanas sobre o continente, fazendo com que o clima entre as duas superpotências fique cada vez mais instável.

Em virtude da represália dos Estados Unidos contra Cuba, que adere ao socialismo em 1961, Khrushchev passa a condenar veementemente qualquer tentativa de ameaça militar a Cuba, declarando que a URSS interveria militarmente caso alguma nação desrespeitasse a decisão do país em permanecer socialista. O recado aos Estados Unidos estava dado. Até mesmo o governo da Costa Rica, antes aliado norte-americano, se posicionou desfavorável a qualquer ação intervencionista que viesse a desrespeitar a política de autodeterminação cubana².

Mas foi a partir de 1961 que a disputa entre URSS e Estados Unidos na conturbada corrida pela hegemonia mundial teve seus capítulos mais dramáticos. A chamada “guerra fria”, nesta fase, esteve mais próxima de tornar-se uma poderosa e destrutiva guerra de alcance mundial. O frustrado episódio da invasão norte-americana à Baía dos Porcos, 1961, na tentativa de depor Fidel Castro, aliado a crise dos mísseis em Cuba, 1962, e a entrada oficial dos Estados Unidos na Guerra do Vietnam, 1965, mostraram como as disputas entre as duas superpotências se intensificavam a ponto de tornar a corrida pelas zonas de influência mundial um combate que seria levado até as últimas consequências por ambas as nações.

Todo esse clima de instabilidade política abalou drasticamente o governo dos Estados Unidos que passaram a adotar uma mudança paradigmática com relação à política externa latino-americana. A partir deste momento o pensamento vigente na Casa Branca era evitar a

¹ FICO, Carlos. “O Grande Irmão. Da operação brother Sam aos anos de chumbo. O governo dos Estados Unidos e a ditadura militar brasileira”. Editora Civilização Brasileira. Rio de Janeiro. 2008, p. 23.

² Ibidem, p. 23-24.

qualquer custo que outra Cuba emergisse do ventre latino-americano. Foi justamente durante o último ano da gestão Dwight Eisenhower que as discussões acerca de militarizar e treinar os aliados latino-americanos com táticas e instruções militares de combate à guerrilha foram amplamente difundidas. Se Eisenhower iniciara o amplo programa de combate ao comunismo no continente americano, foi John Kennedy o presidente responsável por levar esta estratégia ao seu ápice. A partir de Kennedy, diversos militares latino-americanos seriam treinados em unidades militares nos Estados Unidos, na Escola das Américas e na Zona do Canal do Panamá.³ Mas a principal contribuição de Kennedy para combater o comunismo na região não foi propriamente uma política militar, muito embora ela não tenha deixado de existir. O que de fato associou o nome de Kennedy na política interna latino-americana foram os recursos financeiros mobilizados pelo presidente.

Não muito distante do cenário caribenho da guerra fria, a América do Sul também se tornava uma ameaça potencial aos Estados Unidos em decorrência do surgimento de guerrilhas pró-comunistas na Venezuela, Guatemala e Peru⁴. Diante deste fato, o governo Kennedy teve de levar até as últimas consequências os preceitos da doutrina Truman*, redobrando ainda mais o cuidado com a região. Em resposta à possibilidade do surgimento de outras repúblicas socialistas na América do Sul os Estados Unidos criaram um plano de incentivo econômico com características semelhantes ao que Khrushchev havia implantado em Cuba. Era o início do Plano Marshall sul-americano, a Aliança Para o Progresso.

1.1 FORMAS DE INTERVENCIÃO NORTE-AMERICANA NA AMÉRICA LATINA: A ALIANÇA PARA O PROGRESSO.

Criada em 1961 no governo de John Kennedy, a Aliança Para o Progresso funcionava de forma similar ao plano Marshall de reconstrução da Europa que se encontrava devastada após a II Guerra Mundial. Financiada pelo governo norte americano, a Aliança para o Progresso foi um plano de incentivo econômico aos chamados países do “terceiro mundo” da América Latina⁵.

Através da injeção de milhões de dólares na economia destes países, com o intuito de que seus respectivos governos aplicassem o dinheiro em áreas como educação, saúde,

³ FICO, Carlos. *O Grande Irmão*. Da operação brother Sam aos anos de chumbo. O governo dos Estados Unidos e a ditadura militar brasileira. Editora Civilização Brasileira. Rio de Janeiro. 2008. *In*: William O. Walker III, op. Cit., p. 55.

⁴ FICO, Carlos. “O Grande Irmão. Da operação brother Sam aos anos de chumbo. O governo dos Estados Unidos e a ditadura militar brasileira”. Editora Civilização Brasileira. Rio de Janeiro. 2008, p. 26.

⁵ AVILA DE MATOS, Eloísa Ap. Silva. *O Programa Aliança Para o Progresso: O Discurso Civilizador Na Imprensa e a Educação Profissional no Paraná– Brasil*. Buenos Aires. 2008, p. 359.

transporte público e obras de infraestrutura que garantissem melhorias na qualidade de vida da população⁶, os Estados Unidos, através deste programa, aguardavam um resultado muito simples: suprimir qualquer desejo popular por abruptas mudanças; fossem elas de cunho social ou político.

Seguindo a teoria de Richard Rubottom**, os problemas sociais gerados pelos baixos índices de desenvolvimento econômico dos países funcionavam como os “fomentadores das revoluções”.⁷ Se os países latino-americanos continuassem com índices pífios de desenvolvimento econômico, isso fatalmente acarretaria na intensificação de problemas sociais como: desemprego, pobreza, desigualdade social, etc. Essa série de problemas, segundo a filosofia de Rubottom, criariam condições perfeitas para que uma ideologia revolucionária de caráter socialista ganhasse terreno fértil ao se estabelecer na América Latina.

Para que a política da Aliança Para o Progresso de fato funcionasse nos países sul-americanos integrados ao programa, três metas fundamentais deveriam ser alcançadas: crescimento econômico, mudanças sociais e estruturais, e ainda, democratização política⁸. Todo esse investimento na América do Sul possuía, na verdade, intenção totalmente propagandista. As imagens de sucesso sustentadas pelos países que recebessem incentivos financeiros do programa serviriam como “exemplos de sucesso” utilizados pra promover a imagem capitalista frente à opinião mundial. Os Estados Unidos, ao contribuírem para o desenvolvimento de países subdesenvolvidos, mostrariam ao mundo que o verdadeiro caminho para a construção de um país forte e desenvolvido necessariamente passaria pela adoção de um regime político capitalista.

Esse tipo de propaganda, construída para promover a imagem do capitalismo, funcionava como a principal arma norte-americana na disputa contra a União Soviética pelas áreas de influência na guerra fria. Nesta guerra, travada muito mais no campo ideológico do

⁶ SCHLESINGER. *The Alliance for Progress: A Retrospective*. In: HELLMAN, R. G. & ROSENBAUM, H. J. (eds.). *Latin America: The Search for a New International Role*. New York : J. Wiley. 1975.

*Criada pelos estadistas americanos do governo Harry Truman (1945-1953), a “doutrina Truman” designava um conjunto de práticas intervencionistas norte americanas que visavam conter o avanço comunista no mundo. Dentro da Doutrina Truman estavam dois planos políticos essenciais; O plano Marshall de reconstrução da Europa e a OTAN, bem com uma ramificação deste para os países latinos americanos, a Aliança Para o Progresso, política criada em 1961 no governo Kennedy.

** Diplomata norte americano que entre os anos de 1957 e 1960 exerceu o cargo de secretário assistente de Estado para Assuntos Interamericanos.

⁷ FICO, Carlos. *O Grande Irmão*. Da operação brother Sam aos anos de chumbo. O governo dos Estados Unidos e a ditadura militar brasileira. Editora Civilização Brasileira. Rio de Janeiro. 2008, p. 26.

⁸ SCHLESINGER, 1975, P.63. In: AVILA DE MATOS, Eloiza Ap. Silva ‘*O Programa Aliança Para o Progresso*’: O Discurso Civilizador Na Imprensa e a Educação Profissional no Paraná-Brasil. XI Simpósio Internacional Processo Civilizador. UTFPR. Buenos Aires, p. 360.

que nos campos abertos onde prevaleciam os conflitos militares, os Estados Unidos souberam como ninguém usar a imagem sedutora do capitalismo para vencer essa disputa. Logo, o programa Aliança Para o Progresso nada mais foi do que uma eficiente ferramenta de propaganda amplamente difundida na imprensa desses países subdesenvolvidos custeados pelo ajuda externa dos Estados Unidos, para que tal objetivo pudesse ser alcançado. No entanto, A Aliança Para o Progresso não foi a única estratégia adotada pelo governo norte-americano para garantir que o capitalismo na América do Sul fosse assegurado. Veremos a partir do caso brasileiro, o exemplo de outra instituição que atuava com esse intuito.

1.2 A ATUAÇÃO NORTE-AMERICANA NO BRASIL. IBAD: UM AGENTE DOS ESTADOS UNIDOS EM PLENO TERRITÓRIO NACIONAL

Atuando como o grande mediador e articulador dos interesses norte-americanos no Brasil⁹, o emblemático Instituto Brasileiro de Ação Democrática foi criado em 1959 pelo economista e empresário Ivan Hasslocher. Alegando ser uma associação civil formada, segundo seu fundador, com o intuito de incentivar o surgimento da livre imprensa¹⁰, o IBAD utilizava os investimentos que conseguia atrair de diversas empresas multinacionais como: Texaco, Pfizer, Ciba, Schering, Bayer, Belgo-Mineira, AEG, Herm, Stoltz, Coty e da mineradora Hanna Mining¹¹, para financiar propagandas de caráter anticomunista amplamente difundidas na imprensa brasileira através de programas televisivos, radiofônicos e em jornais. O dinheiro advindo dessas multinacionais era depositado na conta da agência de propaganda *Incrementadora de Vendas Promotion*, uma empresa publicitária de pequeno porte, que por sua vez também era presidida por Hasslocher, através do Royal Bank of Canada¹² (DUTRA, 1963, p.26).

Para muito além do que uma simples instituição que visava combater ideologicamente, através da difusão de propagandas, o comunismo no Brasil, o IBAD interferiu de tal maneira na política interna brasileira que em 1963 foi declarado ilegal pelo então presidente João Goulart, após submeter-se a investigações de uma CPI que a acusou de participar ativamente de um dos maiores escândalos de corrupção eleitoral da história do Brasil¹². Este episódio será

⁹ DREIFUSS, René. “A Conquista do Estado”. Editora Vozes. 3ed. Petrópolis, 1981.

¹⁰ Da SILVA, João Carlos Ferreira. “Assaltos ao Parlamento: estudo comparativo dos episódios do Ibad e do Mensalão”, p. 18.

¹¹ MOREL, Edmar. *O Golpe Começou em Washington*. Editora Civilização Brasileira S. A. Rio de Janeiro. 1965, p. 14.

¹² DUTRA, Eloy. “Sigla da Corrupção”. Editora Civilização Brasileira S.A. Rio de Janeiro. 1963, p. 26.

explorado mais detalhadamente quando pontuarmos as formas de atuação do IBAD na política interna brasileira.

Até 1961, o IBAD “não teve um impacto muito visível. Ele operava de modo reservado, procurando apoio das mais diversas fontes para atingir seus objetivos, preparando a infraestrutura para ações futuras”¹³; no entanto, após a renúncia de Jânio Quadros e a declaração oficial de Cuba como socialista, a instituição muda sua postura, passando a agir de maneira mais significativa no cenário político nacional. Sua renúncia gerou um enorme clima de instabilidade, que acabou impulsionando uma profunda crise política em todo o Brasil.

Visando solucionar o problema da renúncia de Jânio Quadros, uma junta militar formada pelos três ministros das forças armadas: o Almirante Sílvio Heck, o Marechal Odylio Denys e o Brigadeiro Gabriel Grun Moss nomearam o Sr. Ranieri Mazzilli à presidência do Senado. Em decorrência do partido de João Goulart, o PTB, ser considerado pela oposição como uma das siglas mais comprometidas com causas sociais devido aos vínculos estabelecidos com os partidos socialistas e comunistas de menor expressão no cenário político nacional¹⁴, a possibilidade de Goulart assumir a presidência da república era considerada uma evento absolutamente incômodo. Não foram apenas os militares e alguns políticos vinculados à UDN que se mostraram insatisfeitos com essa possibilidade. Para os Estados Unidos, o cumprimento da sentença constitucional que garantia a Jango plenos direitos de posse à presidência, manteria o Brasil em um curso de aproximação com o lado soviético; tal qual Jânio Quadros demonstrava fazer em seu governo. A viagem de Goulart à China, União Soviética e outros países da “cortina de ferro” em busca de firmar acordos econômicos nos tempos em que este era vice-presidente, representou aos Estados Unidos perigosa demonstração de aliança com o comunismo. Antes mesmo de tomar posse como presidente, a figura de João Goulart já se mostrava para os Estados Unidos tão perigosa quanto a de Jânio Quadros.

Em oposição às ações anticonstitucionais iniciadas pelos militares em Brasília e no Rio Grande do Sul, o então governador do estado, Leonel Brizola, dava início a uma ampla campanha difundida pelas rádios e jornais gaúchos a favor da posse do vice-presidente. Pregando discursos moralistas que visavam desestruturar o movimento dos militares antijanguistas, Brizola reunia apoio político em prol de sua causa, porém o clima de guerra pairava no ar. A junta militar, visando suprimir a oposição, ordenava, sob ameaça de prisão

¹³ DREIFUSS, René. “A Conquista do Estado”. Editora Vozes. 3ed. Petrópolis, 1981, p. 68.

¹⁴ Da SILVA, João Carlos Ferreira. “Assaltos ao Parlamento: estudo comparativo dos episódios do Ibad e do Mensalão”, p. 18.

pelas tropas do governo, que Brizola abandonasse imediatamente o movimento. Indignado com a ordem, Brizola se fechou no palácio do Piratini, sede do governo gaúcho, onde, apoiado pela população armada, resistia incessantemente à ordem do governo. A essa altura, o III Exército, liderado pelo general Lopez Machado, que tinha ordens diretas do governo para atacar Brizola no Palácio Piratini, adere ao movimento pela legalidade. Assim como Lopez Machado o governador do estado de Goiás, o Sr. Mauro Borges Teixeira, também aderiu ao movimento que a cada dia ganhava cada vez mais adeptos.

Diante da perda de prestígio que a junta militar vinha sofrendo frente à opinião pública brasileira, os militares finalmente desistem de se opor a Goulart. Assim, no dia 2 de setembro de 1961, com a anuência dos militares, Tancredo Neves assina a emenda constitucional alterando o regime político brasileiro para o parlamentarismo. Era o fim do impasse político. João Goulart assumiria a presidência, mas seus poderes políticos ficariam restritos ao parlamento.

Foi durante os episódios narrados acima que o IBAD mudou completamente sua postura com relação ao Brasil. A campanha pela legalidade foi o divisor de águas deste processo, fazendo com que o IBAD passasse a atuar de forma decisiva na política interna do país.

Colocando diversos veículos de informação a seu serviço, nos capítulos seguintes analisaremos o processo de formalização da estrutura de atuação do IBAD na imprensa carioca. Para isso, analisaremos através das reportagens de um dos maiores e mais renomados jornais do Rio de Janeiro: o vespertino *A Noite*, como o jornal, primeiramente favorável à posse de João Goulart e desfavorável a Carlos Lacerda (UDN) e a junta dos ministros militares contrários à posse do vice-presidente, teve suas posições políticas compradas por essa Instituição. Antes de adentrarmos profundamente nessa análise, farei no próximo capítulo um levantamento sobre a trajetória do periódico na imprensa carioca.

2 A TRAJETORIA DO JORNAL A NOITE

Fundado no dia 18 de julho de 1911 pelo jornalista Irineu Marinho, o vespertino *A Noite* foi um dos primeiros jornais populares do Rio de Janeiro. Antes funcionário da “Gazeta de Notícias”, onde ocupava o cargo de secretário geral, Marinho abandonara seu emprego na Gazeta, onde acompanhado de mais treze colegas de profissão, instalara um novo periódico

no sobrado nº 14 do Largo do Carioca¹⁵. Era o início do *A Noite*, que logo no começo se difundiu rapidamente entre as classes populares cariocas devido aos preços mais acessíveis que possuía em relação aos seus demais concorrentes.

Durante seus cinquenta e dois anos de existência, o *A Noite* teve diversas fases, das quais passou pelas mãos de diversos proprietários. Conhecido como um jornal dotado de certa parcialidade para os assuntos políticos, o *A Noite* emitia abertamente sua opinião a respeito de temas relacionados à política nacional, seja apoiando abertamente candidatos, como Júlio Prestes nas eleições presidenciais de 1930, seja fazendo oposição ao governo, casos de Hermes da Fonseca (1910-1914) e Getúlio Vargas nos primeiros governos (1930-1945)¹⁶.

A postura aberta do jornal com relação às temáticas políticas só mudaria após a troca de seus proprietários e de sua direção com a entrada do governo Vargas. Por conta da forte oposição à campanha de Getúlio nas eleições de 1930, após a deposição de Washington Luiz e a ascensão de Getúlio Vargas ao poder, o jornal *A Noite*, na ocasião situado na Praça Mauá, teve sua sede incendiada. O episódio fez com que Geraldo Rocha, seu dono, fosse obrigado a vender o periódico a um grupo estrangeiro liderado pelo empresário brasileiro Guilherme Guinle¹⁷.

Ainda sofrendo com graves problemas financeiros, em decorrência das censuras do governo Vargas, o jornal se via cada vez mais emergido em perda de prestígio. Não conseguindo financiamento para a criação de grandes matérias, os anos 50 representaram para o periódico os piores anos de sua existência. Com as recorrentes crises financeiras, o *A Noite* teve que fechar suas portas por algumas edições em 1957. No entanto, em 1959, a situação começa a mudar quando o *A Noite* passa seus direitos à Empresa Jornalística Castellar, que permanece até o fim de sua. Sob a direção de Celso Kelly, que assume a redação do jornal, o *A Noite* volta a fazer sucesso, recuperando o prestígio adquirido nos seus anos áureos¹⁸.

No entanto, nos anos 60, dois diretores tornam-se relevantes por estarem no comando do jornal em dois momentos polêmicos e importantes na história do periódico: a campanha pela legalidade e as conturbadas eleições de 1962, focos centrais de análise deste trabalho. São eles o ex-deputado federal pela UDN, Mário Martins, e o jornalista Antônio Vieira de Mello.

¹⁵ BIAL, Pedro et al. *A Noite*. Hemeroteca Nacional Digital. Rio de Janeiro. Disponível em: <http://hemerotecadigital.bn.br/artigos/noite>. Acesso em 03 dez. 2013.

¹⁶ BIAL, Pedro et al. *A Noite*. Hemeroteca Nacional Digital. Rio de Janeiro. Disponível em: <http://hemerotecadigital.bn.br/artigos/noite>. Acesso em 03 dez. 2013.

¹⁷ Idem.

¹⁸ BIAL, Pedro et al. *A Noite*. Hemeroteca Nacional Digital. Rio de Janeiro. Disponível em: <http://hemerotecadigital.bn.br/artigos/noite>. Acesso em 03 dez. 2013..

2.1 A RELAÇÃO DO A NOITE COM A POLÍTICA BRASILEIRA

Sob a responsabilidade de Mário Martins, que assume como diretor e editor chefe da redação em janeiro de 1961, o periódico cobriu integralmente a crise política gerada pela renúncia de Jânio Quadros, a Campanha Pela Legalidade e a fase inicial do governo João Goulart. Em suas colunas diárias, Martins se manifestava como porta voz oficial da opinião do jornal a respeito dos acontecimentos relacionados ao cenário nacional e internacional, sempre procurando emitir sua opinião a respeito dos acontecimentos mais relevantes da política interna brasileira. Proclamado pelo seu diretor chefe como um jornal sem filiação partidária, Mário Martins, em algumas de suas colunas, afirmava que o *A Noite* possuía uma postura de “independência política”¹⁹.

Amplamente favorável à “campanha da legalidade” iniciada por Leonel Brizola, o *A Noite*, sob o comando de Mário Martins, fez questão de mostrar todo o seu descontentamento contra o movimento anti-João Goulart promovido pela tríade dos militares composta pelos ministros Grunss Moss, Sílvio Heck e Odílio Denys. Segundo o *A Noite*, na edição do dia 28 de agosto de 1961, através da coluna de Mario Martins intitulada “*Contra a constituição! Não*”, fica evidente o posicionamento favorável do periódico quanto à lei constitucional que garante a nomeação imediata de Jango à posse da presidência. Embora Martins reconheça sua antipatia por Goulart desde os tempos em que este era ministro do trabalho de Vargas, este considera a atitude dos militares em tentar impedir sua posse, um ato antidemocrático que atestava contra a soberania popular. Segundo a coluna:

Este jornal, sob minha responsabilidade, tem tido uma posição de independência política. Pessoalmente, porém, sempre fui adversário intransigente do Sr. João Goulart. Nunca ele teria meu voto, nunca minhas críticas lhe foram poupadas. Nem por isso, entretanto, posso negar-lhe o direito que a República lhe deu pelo sufrágio popular e pela letra da constituição” (...) “É preferível um Brasil inquieto, com o Sr. João Goulart na presidência, obrigando-nos às vigílias indormidas, do que um Brasil sem lei, fingindo de legal, onde todos nós receberemos ordens para ressonar”²⁰ (*A Noite* 28/06/61).

Assim como o *A Noite*, diversos outros órgãos da imprensa nacional eram amplamente favoráveis ao movimento pela legalidade. Apesar da grande adesão popular que a campanha

¹⁹ *Contra a Constituição Não!* Rio de Janeiro: Castellar. 1911-1964.

²⁰ *Contra a Constituição Não!* . Rio de Janeiro: Castellar. 1911-1964.

adquiria, no Rio de Janeiro era notória a divergência de opiniões entre os órgãos da imprensa carioca quanto à adesão ao movimento de Brizola. Diante desse clima conflituoso, um gigante entre os veículos da imprensa carioca mostrou-se absolutamente contrário à restituição de João Goulart à presidência: o conhecido vespertino *Tribuna da Imprensa*, propriedade do governador do Estado da Guanabara, naquela ocasião, o Sr. Carlos Lacerda.

Por se opor ideologicamente ao posicionamento político do *Tribuna da Imprensa* em relação ao impasse constitucional que assolava o Brasil, o *A Noite* tem sua edição do dia 28 de agosto de 1961 censurada pelo governo da Guanabara. O jornal tem de retirar desta edição o montante de quatro páginas que falavam a respeito da Campanha pela Legalidade. O episódio foi contado por Mário Martins no dia posterior à censura através da coluna “Censura ao *A Noite*”:

A 1 hora e trinta minutos da noite de ontem, compareceu à nossa redação um major do exército. Levando à presença do nosso diretor, declarou que fôra incumbido de censurar previamente esse jornal. Solicitadas suas credenciais, para o exercício de tais funções inconstitucionais, respondeu que não era portador de qualquer ofício, mas agia em nome do governo do Estado da Guanabara, representado, no caso pelo Sr. Ascendino Leite, chefe do Serviço de Censura das Diversões Públicas. [...] Ao Sr. Ascendino Leite, pelo telefone, manifestamos nossa estranheza, tanto pela arbitrariedade determinada pelo governador Carlos Lacerda, como pela maneira que ela se desenvolvia²¹ (*A Noite* 29/08/61).

Após a conversa pelo telefone com Ascendino Leite, Martins afirma que a ordem de censura ao *A Noite* foi expedida a pedido do Conselho Nacional de Segurança, que por sua vez afirmou a Martins, em uma conversa por telefone, que a censura foi imposta apenas com o intuito de “averiguar” o teor de veracidade das matérias publicada pelo jornal sobre a crise política gerada após a renúncia de Jânio²². O mais intrigante neste caso, foi que o Departamento de Censura das Diversões Públicas não aplicou nenhum tipo de censura ao *Tribuna da Imprensa* e ao *O Globo*²³ para “averiguar” o conteúdo de suas reportagens publicadas sobre a Campanha Pela Legalidade e da crise política. Mas o *A Noite*, que teve censuradas as edições dos dias 29, 30 e 31, não foi o único periódico a sofrer embargo pelo governo da Guanabara. O “*Última Hora*” e o “*Correio da Manhã*” também tiveram suas redações interditas²⁴.

²¹ *Censura ao A Noite*. Rio de Janeiro: Castelar. 1911-1964.

²² *A Noite Bate as Portas da Justiça Contra a Censura*. Rio de Janeiro: Castelar. 1911-1964.

²³ Idem.

²⁴ Idem.

Em decorrência da censura imposta ao *A Noite* e aos outros jornais do Rio de Janeiro, uma Comissão Parlamentar de Inquérito foi montada visando a cassação do mandato de Carlos Lacerda²⁵. Os precursores da CPI, os deputados Lutero Vargas, Saldanha Coelho, Roland Cabisier, Valdemar Viana e Paulo Alberto, tentaram pautar suas acusações baseando-se nos argumentos de que Lacerda estaria violando direitos constitucionais inalienáveis que garantiam a liberdade de expressão a qualquer veículo de imprensa. Caso a CPI obtivesse sucesso ao convencer os parlamentares na assembleia, a ordem de “impeachment” contra Lacerda seria aprovada.

O ato de censura ao *A Noite* e aos demais jornais do Rio só foi suspenso no dia 1 de setembro, quando o tribunal do estado decretou ilegal a ordem de censura expedida por Carlos Lacerda²⁶. Mesmo prejudicada pela censura, a Campanha Pela Legalidade se mostrou um verdadeiro sucesso na Guanabara. Em uma enquete feita pelo IBOPE, divulgada no dia 2 de setembro de 1961, onde o Instituto questionava a população do estado se Jango deveria ou não ser o presidente da república, o resultado mostrou que 91% da população era favorável à posse do vice-presidente²⁷. Com sucesso absoluto da campanha, tanto no Rio de Janeiro como em todo o Brasil, o movimento dos militares contrário a Jango já não tinha como se sustentar.

No dia 2 de setembro de 1961, após um decreto assinado por Tancredo Neves, mudando o regime político brasileiro para o parlamentarismo, João Goulart, finalmente, se garante na presidência da República.

Segundo consta em *A Noite*, a vitória de Jango representava ao Brasil muito mais do que a vitória contra o movimento ilícito protagonizado pelos militares. Ela representava ao povo brasileiro a maturidade política que tanto almejava. Segundo o *A Noite*, a vitória de Jango seria o “triumfo da maturidade democrática”. Como relata em sua coluna do dia 4 de setembro, intitulada “A Insurreição das Consciências”:

Após dez dias que abalaram o país, tudo indica que venceu a lei. Foi inegavelmente o triunfo da maturidade democrática, explodindo num vigoroso movimento de consciência nacional, a exigir o cumprimento da constituição, o respeito ao voto popular. [...] O povo sabe que não serão fáceis os dias vindouros. Sabe que não vivemos horas de festejos. Mas, tem por consolo, entretanto, a certeza de que, doravante, ninguém, ninguém

²⁵ *Câmara Pediu ‘Impeachment’ Contra Lacerda*. Rio de Janeiro: Castelar. 1911-1964.

²⁶ *Câmara Pediu ‘Impeachment’ Contra Lacerda*. Rio de Janeiro: Castelar. 1911-1964.

²⁷ *Inquérito do IBOPE na Guanabara: Jango deve ou Não Ser o Presidente da República?*. Rio de Janeiro: Castelar. 1911-1964.

mesmo, pode vir a pensar em dominar o Brasil pela empulhação astuta ou pela imposição arbitrária²⁸.

Mesmo com o fim do mandato de censura e da crise política, o *A Noite* ainda se mantinha como um implacável perseguidor da figura política e do governo de Carlos Lacerda. Nas edições que se seguiram à posse de Goulart, o *A Noite* passou a trazer entre suas reportagens atualizações diárias sobre a CPI que poderia caçar o mandato do governador da Guanabara. Em uma dessas reportagens publicadas pelo jornal com a intenção de pressionar o governo a renunciar a seu cargo, o *A Noite* se questiona se este teria forças para reverter o peso negativo que sua imagem adquiriu depois que o escândalo de censura à imprensa carioca veio à tona. Vejamos o que foi dito na reportagem “Lacerda Entre a Renúncia e o Impeachment” publicada em *A Noite*:

Será possível provar que não houve prisões, não houve censura aos órgãos de divulgação, que não houve apreensão das edições de jornais, que não houve ocupação das redações, que, finalmente, tudo isso foi um pesadelo da população carioca? É claro que não. [...] Provar que nada disso aconteceu é impossível, dada a repercussão que esses tristes fatos alcançaram não só em todo o país, como no estrangeiro. Aguardemos as explicações do governador Lacerda (*A Noite* 09/11/1961)²⁹.

Ao exigir de Lacerda explicações sobre o caso de censura, o *A Noite* procurava pressionar o governador frente à população carioca que diariamente acompanhava o jornal. Sugerindo um clima de obscuridade por trás de todo o controverso governo de Lacerda, o *A Noite* tentava, aos poucos, construir uma imagem despótica e autoritária do governador frente à opinião pública.

Se em algumas edições o jornal utilizava um discurso explicitamente contrário a Lacerda, como em uma das colunas de Mário Martins da qual o jornalista afirma que Lacerda já não possui a mesma postura que costumava ter em tempos de outrora, quando em sua época de jornalista mostrava ser um defensor declarado da democracia e da liberdade de expressão³⁰, em outras, os ataques ao governador são mascarados por um tom absolutamente irônico empregado ao discurso, como nesta coluna publicada em *A Noite* no dia 13 de setembro de 1961, intitulada: “Nem só de Toucinho Vive o Homem”.

²⁸ *A Insurreição das Consciências*. *A Noite*. Rio de Janeiro: Castelar. 1911-1964.

²⁹ *Lacerda entre a Renúncia e o Impeachment*. *A Noite*. Rio de Janeiro: Castelar. 1911-1964.

³⁰ *Contra a Constituição Não!* *A Noite*. Rio de Janeiro: Castelar. 1911-1964.

Ao Carlos, evidentemente, não se pode aplicar a receita recomendada pelo pai. Dizia Maurício, referindo-se a política Brasileira:

-Quando um político não quer largar o cargo, segurando-se nele com unhas e dentes, a solução está no toucinho:

E explicava:

-É como fazem lá em Vassouras, quando dá berne no gado. A força o bicho não larga. Não adianta desinfetar, cutucar, espremer, pinçar. Então o caboclo põe um pedaço de toucinho sobre a carne ferida do animal. Como o toucinho é mais macio que a carne, a bicharada vai deixando o corpo e se instalando no naco de gordura. Depois é só jogar fora o toucinho.

Justiça se faça. O Carlos não anda atrás de toucinho. Ele está como a Maria Dobradiça da Porta Baixa: ‘não sabe se vai ou se fica, se fica ou se vai, se vai ou se fica’. E por essas ironias do destino, socorre-se à filosofia de Vargas: ‘deixando ficar como está para ver como fica’ ³¹ (A Noite 13/09/61).

A coluna retratada mostra a indecisão de Lacerda em relação a seu futuro na Guanabara, se renuncia ou não ao cargo de governador. Segundo retrata o *A Noite*, a omissão de Lacerda faz parte de uma evidente estratégica tramada por ele com o intuito de fazer com que o povo se esqueça dos episódios em que seu nome esteve envolvido nos escândalos de censura. Seu nome é comparado ao de Vargas porque, segundo o *A Noite*, ambos se fizeram valer das mesmas artimanhas políticas para “limpar” seus respectivos nomes na mídia, em decorrência da impopularidade que enfrentavam em determinada altura de seus respectivos governos.

No entanto, mesmo com toda a pressão feita pelo *A Noite* e os demais jornais censurados no Rio, a CPI acaba por não conseguir reunir provas suficientes para impor uma punição veemente ao governador. Até mesmo a S.I.P*, que se autoafirmava uma instituição responsável por garantir a permanência da livre imprensa e da liberdade de expressão nos países democráticos, como escreve o *A Noite* em uma reportagem especial, “Decide lavar as mãos para o caso de censura à imprensa Guanabara”.

³¹ *Nem Só de Toucinho Vive o Homem*. A Noite. Rio de Janeiro: Castelar. 1911-1964.

*A Sociedade Interamericana de Imprensa funcionava através de uma parceria feita entre os donos de grupos midiáticos da América Latina. Unindo-se a esses gigantes grupos, a S.I.P foi responsável inúmeras campanhas midiáticas que atacaram governos democráticos na América Latina a pedido da CIA.

“A Sociedade Interamericana de Imprensa deu por encerrado o protesto apresentado ante a organização de, Sr. Paulo Silveira, do ‘Última Hora’, e outros jornais cariocas protestando contra a censura do governador Carlos Lacerda, do Estado da Guanabara, ante os últimos acontecimentos no Brasil” ³²(A Noite 18/10/61).

Em nota oficial emitida pela S.I.P, a Associação afirmou que não se manifestou na data dos acontecimentos, porque não recebeu carta ou telegrama algum que os comunicasse sobre os fatos. Segundo a S.I.P, o relatório enviado por Paulo Silveira sobre a queixa dos jornais cariocas, só chegou ao seu conhecimento no dia 18 de setembro, portanto, muito tempo depois que o tribunal federal já havia declarado ilegal a ordem de censura expedida por Lacerda.³³ No exato dia 18, o Comitê Executivo da S.I.P pediu a seu presidente, John Reitemeyer, que fizesse um comunicado oficial em nome da Associação dando um parecer final sobre os eventos ocorridos na Guanabara. Segundo o comunicado de Reitemeyer:

Sustentamos categoricamente que um conceito de imprensa livre requer que todas as camadas tenham liberdade dentro da Constituição das Leis para publicar e circular, para ter acesso as fontes de informação, para comprar todo o equipamento, maquinarias e materiais necessários para se publicar sem temor de um represália arbitrária por parte do governo ou daqueles que atuam pelo governo.

Porém a liberdade deve marchar junto com a responsabilidade. Não há lugar em uma imprensa responsável para comentários irresponsáveis e para a malícia repreensível.

Apraz-nos repetir aqui uma breve passagem de algumas das declarações formuladas por James Stahiman, ex-presidente desta Associação:

‘Temos liberdade no país contra as leis sobre o libelo, a obscenidade, a calúnia e a traição- declarou- mas não temos o privilégio de falar com licença desenfreada, nem podemos abusar da palavra impressa, e devo pedir que como jornalistas responsáveis aceitemos com estes direitos as mesmas responsabilidades que estes

³² S.I.P Decide Lavar as Mão Para o Caso de Censura à Imprensa da Guanabara. A Noite. Rio de Janeiro: Castelar. 1911-1964.

³³ S.I.P Decide Lavar as Mãos Para o Caso de Censura à Imprensa da Guanabara. A Noite. Rio de Janeiro: Castelar 1911-1964.

mesmos direitos nos impõe em nossa qualidade de jornalistas livres’
³⁴ (A Noite 18/10/61).

Embora não afirme veementemente que a censura à imprensa carioca foi uma atitude correta por parte do governo da Guanabara, A S.I.P, através da declaração de seu presidente, deixa transparecer sua compreensão em relação à atitude de Carlos Lacerda, que por sua vez afirmou ter feito isso para evitar uma guerra civil³⁵. Podemos deduzir com essa declaração, que para a S.I.P os jornais censurados pelo governo da Guanabara estariam agindo de maneira irresponsável ao abusar do seu direito de “imprensa livre” ao publicar matérias que tratavam a respeito da crise política brasileira vivida após a renúncia de Jânio Quadros, de forma a incitar um clima de tumulto e desordem no Brasil. É muito provável que a própria S.I.P não tenha obtido acesso a esse material censurado para chegar a tal conclusão, uma vez que este foi confiscado pelo governo. É provável também que jamais saibamos se os relatórios enviados à S.I.P por Paulo Silvério, diretor do jornal *Última Hora*, nunca chegaram de fato ao escritório da Associação em Nova York. No entanto, em meio a esse dilema, podemos, no momento, apenas levantar novas perguntas para o episódio: por que uma associação criada com o propósito de garantir a permanência de uma imprensa livre e democrática agiu de forma tão intransigente frente ao claro episódio de atentado à liberdade de imprensa ocorrida no fatídico episódio de censura aos jornais da Guanabara?

3- AS ELEIÇÕES DE 1962: A MUDANÇA DE POSTURA DO A NOITE PARA COM CAROS LACERDA E O APOIO AOS CANDIDATOS DO IBAD

Assim como a S.I.P o fez, o *A Noite* nos meses que antecederam as eleições de 1962 deixou de lado tanto a abordagem do caso da CPI contra Carlos Lacerda, que já se arrastava por quase um ano, quanto as críticas ao governo do próprio. Agora sob a direção de Antônio Vieira de Melo, no cargo desde o dia 31 de outubro de 1961, o *A noite*, curiosamente abandona seu discurso de imparcialidade e de “independência política”³⁶, para cair em contradição ao apoiar abertamente alguns candidatos do PSD e UDN para os cargos de deputado estadual, deputado federal, vice-governador e governador nas eleições correntes. Alguns nomes, como os de Edmundo de Macedo Soares (PSD), candidato ao governo do Rio e Janeiro; Lopo Coelho (PSD), candidato a vice-governador do Rio de Janeiro; Gilberto

³⁴ *S.I.P Decide Lavar as Mãos Para o Caso de Censura à Imprensa da Guanabara*. A Noite. Rio de Janeiro: Castelar 1911-1964.

³⁵ *Idem*.

³⁶ *Contra a Constituição Não!* Rio de Janeiro. Castelar. 1911-1964.

Marinho (PSD) e Juraci Magalhães (UDN), candidatos ao senado pela Guanabara; e, curiosamente, Carlos Lacerda (UDN), candidato à reeleição para governador da Guanabara que seria realizada somente em 1965*, além de outros tantos candidatos a deputados federais e estaduais, têm seus respectivos nomes diariamente expostos nas principais páginas do periódico.

Nesta nova fase, agora sob a direção de Antônio Vieira de Melo, o *A Noite* constantemente trazia em destaque nas edições diárias diversas reportagens, entrevistas e declarações de políticos que representavam fielmente os ideais políticos compactuados pelo jornal. Caso desta matéria publicada no dia 4 de outubro de 1962, onde *A Noite* através de uma entrevista exclusiva com o general Caiado de Castro, senador pelo estado da Guanabara, leva ao público seu posicionamento a respeito de temas como o comunismo, o PTB e as eleições. Vejamos o que foi dito:

“COMUNISMO AMEAÇA O BRASIL, SUSTENTA O
SENADOR CAIADO”.

‘As eleições de domingo próximo vão representar uma luta entre a democracia e o comunismo. O povo brasileiro irá dizer, no meu entender, se deseja continuar no centro, com a democracia, ou se deseja ir para a esquerda, ao lado de Cuba, e seguindo as ordens de Moscou’ [...]

Continuando as declarações a *A Noite*, salientou o Senador Caiado de Castro:

‘Diante desse quadro de opções, entre a Democracia e o espírito totalitário, o eleitor deverá tomar o máximo de cuidado, não examinando apenas o candidato, mas principalmente, o partido a que pertence e os nomes que o integram’ . [...]

A INFILTRAÇÃO COMUNISTA NO PTB

Na carta em que se desligou do PTB, o Senador Caiado de Castro afirma que esse partido esta infiltrado de comunistas. Perguntamos-lhe se ainda mantinha esse ponto de vista ou se o comportamento do PTB no atual pleito autorizava a uma mudança de opinião. O entrevistado respondeu:

* Nos estados de Alagoas, Goiás, Guanabara, Maranhão, Mato Grosso, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Rio Grande do Norte e Santa Catarina as eleições apenas para o cargo de governador ocorreram em 1965. Para os cargos de vice-governador: Bahia, Ceará, Espírito Santo, Guanabara, Pernambuco Piauí, Rio de Janeiro, São Paulo e Sergipe tiveram eleições. Para os cargos de Senador e deputado federal ocorreram eleições em todos os estados do Brasil.

‘A infiltração comunista no PTB é a principal razão do meu desligamento do partido. Corresponde a uma convicção plena e inalterável. E os senhores, da imprensa, estão em melhores condições que eu para dar nome aos bois’.

[...] EM QUEM VAI VOTAR

Finalmente, a nossa reportagem solicitou ao Marechal Caiado de Castro que nos adiantasse o seu voto no pleito de domingo.

E êle nos disse:

‘O voto é secreto, mas poderia adiantar em quem vou votar, de acordo com as minhas convicções democráticas. Para Vice-Governador, o meu candidato é Lopo Coelho; para Senador, votarei em Gilberto Marinho e Juracy Magalhães; para deputado Federal, votarei no Marechal Juarez Távora; e para Deputado Estadual, o meu voto será para Danilo Nunes’³⁷ (A Noite: 04/10/62)

A entrevista acima nos permite analisar alguns fatos que merecem ser cuidadosamente observados. Primeiro, chamo atenção para o destaque que o jornal dá a essa matéria, sendo esta estampada na capa como a principal manchete na edição do dia 4 de outubro de 1962. Nesta entrevista, que foi ao público três dias antes das eleições, o *A Noite* faz questão de chamar a atenção dos leitores para as preocupações de Caiado de Castro quanto ameaça representada pelo comunismo, o totalitarismo e a antidemocracia que, segundo palavras do próprio senador, “ameaçam o Brasil”. Suas declarações podem ser entendidas como parte de uma estratégia que visa reforçar nos leitores o sentimento de poder de decisão e mudança para com as questões referentes à política nacional, onde através de seus respectivos votos, poderão definir os caminhos necessários para “salvar” o país do comunismo.

O segundo ponto que chamo a atenção nesta entrevista é para o fato de “A Noite”, pela primeira vez durante a campanha eleitoral, publicar abertamente as críticas direcionadas a partidos que concorreram no pleito de 62. Caso do PTB, partido do presidente João Goulart, que segundo palavras de Caiado de Castro estava “infiltrado de comunistas”.

Por fim, o ponto final a ser observado nesta entrevista, e na minha opinião o mais relevante, é referente ao subtópico “Em Quem Votar”, onde, o “A Noite” solicita ao senador que apontasse aos leitores os candidatos de sua confiança. Curiosamente, os nomes indicados pelo senador correspondem aos mesmos nomes que durante a campanha eleitoral de 62 já

³⁷ *Comunismo Ameaça o Brasil. Sustenta o Senador Caidado*. Rio de Janeiro. Castelar. 1911-1964.

estavam sendo propagandeados pelo *A Noite*, sendo que, parte desses candidatos estará presente no relatório de Eloy Dutra sobre a CPI que investigou O IBAD em 1963. Isso nos sugere que a escolha desta entrevista com Caiado de Castro, a três dias das eleições, não passou de uma estratégia de propaganda política muito bem elaborada, onde o *A Noite* se utilizara das declarações do senador para reforçar a confiança dos eleitores naqueles candidatos que já pertenciam à sua bancada de apoio.

Mas esta entrevista representa o final da história, o fechamento de uma série de matérias imparciais feitas pelo *A Noite* para promover os candidatos de sua escolha durante a campanha de 62. Vejamos agora como foi o início desse processo, quais eram os candidatos apoiados pelo jornal, quais suas trajetórias políticas e de que forma o *A Noite* trabalhou na construção de suas respectivas imagens frente aos leitores.

O início do apoio do *A Noite* aos candidatos mencionados acima se iniciam aproximadamente há quatro meses antes das eleições, em meados de julho, quando os partidos já definiram publicamente quais seriam seus candidatos para os cargos em disputa. Esta manchete intitulada: “Edmundo de Macedo Soares para governador do E.do Rio”, nos serve de exemplo para mostrar como o *A Noite* utilizava sua influência midiática para construir nos leitores uma imagem positiva dos candidatos de sua bancada. Vejamos a manchete:

“EDMUNDO DE MACEDO SOARES PARA GOVERNADOR
DO E. DO RIO”

“Eis um fato que ajuda a prestigiar a democracia. Não é comum, infelizmente, entre nós vermos uma personalidade de alto teor intelectual e moral aceitar sua participação nas refregas populares. Fica o campo franqueado aos medíocres e aos vulgares que cada vez mais se isolam na torre de marfim os homens de valor. Devemos, pois, saudar com uma hosana o aparecimento de um nome como o de Edmundo de Macedo Soares na competição eleitoral fluminense em outubro próximo. O criador da Siderúrgica de Volta Redonda e atual presidente da Mercedes Benz é um técnico de renome internacional, que tem recebido missões da ONU e tem sido ouvido até por governos estrangeiros. Macedo de Soares traz um apelido tradicional na vida pública brasileira e oferece um currículo de vida dos mais notáveis em nosso país pela competência, probidade, operosidade e patriotismo. O Estado do Rio já lhe deve muitos serviços, quer desde quando lutou contra a poderosa influência mineira para localizar no solo fluminense a usina de Volta

Redonda.[...] É, pois, um candidato que honrara a política do vizinho Estado, eleva os índices morais do pleito de outubro, merece respeito dos fluminenses, mesmo adversários, e, se eleito, constitui por si só penhor seguro de um govêrno capaz e honesto.”³⁸ (A Noite: 11/07/62)

Não há necessidade de grande esforço para que se perceba qual tipo de imagem política do Sr. Macedo Soares o A Noite pretende construir perante o leitor.

Edmundo de Macedo de Soares era mais um militar presente na enorme lista de políticos financiados pelo IBAD. Nos anos 30, o então engenheiro, fez parte da Comissão Nacional de Siderurgia, grupo subordinado ao ministério da Guerra, onde compôs a equipe responsável pela Construção da Companhia Siderúrgica Nacional³⁹. Durante a criação do projeto, Macedo Soares, foi responsável pela elaboração do plano que previa a construção da CSN a partir da mescla de capital nacional e estrangeiro. Para isso, o militar, que possuía ampla experiência no ramo da metalurgia e contato com diversas empresas no exterior fora incumbido de negociar com empresas europeias e norte-americanas, entre elas a United States Steel⁴⁰. No entanto, seu projeto foi frustrado quando Getúlio Vargas optou por construir a primeira siderúrgica do Brasil com capital inteiramente nacional.

Baseado em sua trajetória política inteiramente dedicada a resolver assuntos referentes a obras de desenvolvimento para o Estado, o que deu a Macedo Soares grandes contatos com indústrias do exterior e pelo fato de ser diretor de uma grande empresa multinacional presente no Brasil como a Mercedes Benz, não é difícil imaginar porque o IBAD o escolheu como seu principal representante nas eleições de 62 ao governo do estado do Rio de Janeiro, cargo do qual já exercera em uma oportunidade, entre os anos de 1947 e 1951.

Para pleitear o cargo de vice-governador da Guanabara, o IBAD escolhera o nome de Lopo Coelho. Antes de concorrer em 1962, Coelho já havia sido diretor do Departamento Administrativo do Serviço Público (DASP), deputado federal, secretário da Agricultura, Indústria e Comércio do Distrito Federal e chefe da Assembleia Legislativa do Estado⁴¹. Em 1964, após a instauração do Ato Institucional nº II, Lopo Coelho se filiou à ARENA, partido dos militares.

³⁸ *Edmundo de Macedo Soares Para Governador do E. do Rio*. Rio de Janeiro: Castelar. 1911-1964.

³⁹ ABREU, Alzira Alves de. SOARES, Edmundo Macedo. FGV/CPDOC. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/busca/Busca/BuscaConsultar.aspx>. Acesso em: 06, set, 2014.

⁴⁰ ABREU, Alzira Alves de. SOARES, Edmundo Macedo. FGV/CPDOC. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/busca/Busca/BuscaConsultar.aspx>. Acesso em: 06, set, 2014.

⁴¹ COELHO, Lopo. FGV/CPDOC. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/busca/Busca/BuscaConsultar.aspx>. Acesso em 11, set. 2014.

Através desta reportagem especial dedicada inteiramente para relatar sua trajetória de vida na política e seus planos para o vice-governo do Rio de Janeiro, vejamos como o A Noite apresentava o candidato. Segue abaixo a seleção dos trechos mais relevantes desta matéria:

“LOPO COELHO, UM HOMEM TRANQUILO”.

“Um homem do centro combatendo intransigentemente todos os extremismos, e cheio de uma fé irredutível no aperfeiçoamento constante do governo e do povo através da prática do regime democrático, eis como se define a si mesmo o deputado Lopo Coelho”. [...]

“O Pleito que se realizará a 7 de outubro está marcado por um incontestável divisor águas- diz ele à reportagem de A Noite.

De um lado estão os que são a favor da democracia, e de outro os que são contra. Creio, porém firmemente, que a democracia haverá de sair fortalecida nas próximas eleições. E o dever do político eleito ou não é estar atento a todas as reivindicações sociais, evitando, tanto quanto possível, os atritos causados pelo empobrecimento do povo, empobrecimento este que se faz cada vez maior. “A justiça social é, portanto, um imperativo desta hora.” [...]

“É assim Lopo Coelho, um homem simples e tranquilo. Um homem do povo, que confia no povo e que colocou a sua vida a serviço do povo”. (A Noite. 27/08/62) ⁴².

A reportagem acima não foi a única manifestação de apoio do periódico à Lopo Coelho, o nome do candidato aparecia diariamente vinculado a todas as edições do jornal até o dia 7 de outubro, data das eleições.

Outro candidato apoiado pelo jornal foi Juracy Magalhães. General e ex-governador da Bahia, na primeira oportunidade entre os anos de 1931 e 1937, Juracy Magalhães, durante os anos em que exerceu seu governo, não mediu esforços para combater a Ação Libertadora Nacional (ANL), movimento de caráter comunista, em seu estado.⁴³ Mesmo como deputado federal, eleito em 1945, continuou mantendo suas convicções ideológicas acirradamente anticomunistas ao atuar incisivamente na constituinte ⁴⁴. Observemos essa reportagem feita no dia 29 de setembro de 1962, onde A Noite divulga os compromissos eleitorais do candidato.

Foi intenso o dia de ontem do Sr. Juracy Magalhães, prosseguindo em sua campanha eleitoral como candidato, udenista ao Senado. No comício

⁴² *Um Político Por Semana*. A Noite. Rio de Janeiro. Castelar. 1911-1964.

⁴³ COUTINHO, Amélia. MAGALHÃES, Juraci. FGV/CPDOC. Disponível em:

http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/juraci_magalhaes. Acesso em 11, set. 2014.

⁴⁴ *Juraci Continua Conquistando a Cidade*. A Noite. Rio de Janeiro. Castelar. 1911-1964.

em que esteve, na Praça 24 de Outubro, voltou a advertir o povo sobre os perigos do comunismo, tema que tem sido uma constante em seus pronunciamentos [...] Um dos maiores incentivos à candidatura de Juracy Magalhães, é sem dúvida, o apoio que lhe dá o governador Carlos Lacerda. Vale, portanto, recordar palavras do grande líder brasileiro, numa interessante conjectura, como segue:

-Juracy Magalhães saberá representar, à altura, a Guanabara no Senado- diz Lacerda- porque sua voz é respeitada⁴⁵ (A Noite 29/09/62).

O que mais nos chama atenção nesses candidatos, é o fato de todos apresentarem em suas respectivas trajetórias políticas, posturas compatíveis com a ideologia pregada pelo IBAD. Todos os candidatos analisados até o presente momento possuíam, invariavelmente, simpatia pela entrada de capital estrangeiro no país, contatos com multinacionais, caso de Edmundo de Macedo Soares, e um total repúdio as ideologias comunistas, casos de Lopo Coelho e Juracy Magalhães.

Entretanto, entre os candidatos apoiados pelo A Noite, que cuidadosamente foram indicados pelo IBAD, nenhum nos chama mais a atenção do que Carlos Lacerda. Parte agora dos aliados do jornal, Lacerda é frequentemente mencionado nas páginas do periódico como um grande líder político⁴⁶. Em diversas matérias que ocupam as primeiras páginas do periódico, o A Noite conta com exaltação os feitos de seu governo na Guanabara, tais como: inauguração de novas linhas de ônibus elétricos, obras cívicas, hospitais e outros.

“LACERDA: 63 SERÁ O ANO DA SAÚDE PÚBLICA”

“O Governador Carlos Lacerda, ao inaugurar na manhã de ontem o Centro Médico Sanitário do Botafogo, para onde foi transferido o pronto socorro do Lido, disse que em 63, seu governo será marcado pelas **realizações no campo da saúde pública**”.

“Afirmou que nos próximos exercícios serão construídos os novos pavilhões dos hospitais Souza Aguiar, Miguel Couto, Getúlio Vargas e ainda a Unidade Médico-Sanitária da Tijuca e ainda o novo ambulatório do Moncorvo Filho”⁴⁷. (A Noite 2/10/1962)

Dentre as inúmeras matérias de caráter enaltecedor do governo de Lacerda, a do dia 5 de outubro, dois dias antes das eleições para deputados e senadores na Guanabara, nos chama

⁴⁵ *Juraci Continua Conquistando a Cidade*. A Noite. Rio de Janeiro: Castelar. 1911-1964.

⁴⁶ *Juraci Continua Conquistando a Cidade*. A Noite. Rio de Janeiro: Castelar. 1911-1964.

⁴⁷ *Lacerda: 63 Será o Ano da Saúde Pública*. A Noite. Rio de Janeiro: Castelar. 1911-1964.

novamente a atenção. Nesta reportagem concedida por Aliomar de Bastos, candidato da UDN ao Senado Nacional, intitulada “Forças Democráticas Vencerão na GB”, o A Noite traz em destaque os grandes feitos Lacerda e o que seu atual governo representou para a Guanabara.

“As eleições de domingo apresentam para o eleitor carioca, uma decisão profundamente complexa, pois ele têm de partir de um problema local, da Guanabara, e a solução que o governador Carlos Lacerda lhe vêm dando com uma notável massa de obras materiais e um arrojado plano de educação em todos os graus. Por outro lado, queiram ou não, o Governo Carlos Lacerda abriu um capítulo de probidade, numa administração que, salvo honrosas exceções, era marcada por abusos de toda natureza, desde o nepotismo até a corrupção mais calva.⁴⁸ (A Noite 05/10/62)

Por essas duas passagens transcritas acima em forma de citação, percebemos que esta nova postura do A Noite com relação a Carlos Lacerda nos causa, de certa forma, algum estranhamento em vista das divergências que ambas as partes tiveram em um passado não muito distante. O episódio de censura que tanto despertou no A Noite um súbito desejo de vingança contra o governador da Guanabara, parece ter sido superado. Quanto a CPI, esta deixa de ser explorada pelo jornal, fazendo com que o caso caia no esquecimento. De todo modo, essa mudança postural aguça a curiosidade para buscarmos respostas que justifiquem essa cumplicidade tão repentina entre o A Noite e Carlos Lacerda. Diante deste fato, surgem para nós duas perguntas. Primeira: por que o A Noite, que havia se tornado o maior adversário do governador por conta da censura que sofreu, apoiaria sua reeleição em 1965? Segunda, por que Carlos Lacerda censurou indiscriminadamente os jornais cariocas favoráveis à posse de Jango no ano de 1961?

4 O DESENVOLVER DA TRAMA: O RAIÓ-X POR TRÁS DE TODO ESQUEMA DO IBAD E A NOITE.

O capítulo anterior foi encerrado com duas perguntas que propositalmente deixei em aberto porque tive a intenção de separar um capítulo à parte para respondê-las, tamanha relevância que as suas respostas contêm para o desfecho desta pesquisa. As respostas para ambas às perguntas podem ser pensadas a partir de duas declarações. Primeiro, sobre o depoimento de Lincoln Gordon à revista *Veja* na edição do dia 9 de março de 1977.

⁴⁸ *Forças Democráticas Vencerão na GB*. A Noite. Rio de Janeiro: Castellar. 1911-1964.

Nessa polêmica entrevista do ex-embaixador dos Estados Unidos no Brasil entre os anos 1961 e 1966, este afirmou que para as eleições de 1962, tendo em vista, também, as próximas eleições de 1965, diversas empresas multinacionais norte-americanas em conjunto com a embaixada dos Estados Unidos contribuíram com a quantia que iria de “1 a 5 milhões de dólares para as campanhas dos candidatos adversários ao governo João Goulart e de seu indefinido programa de reformas de base”⁴⁹. Segundo Gordon, parte desse dinheiro foi distribuído diretamente aos candidatos do PSD e da UDN através do Instituto Brasileiro de Ação Democrática sob forma de propina para se aliarem a instituição⁵⁰.

O discurso de Gordon confere perfeitamente com algumas acusações levantadas pela CPI que investigou o IBAD em 1963, iniciadas após as denúncias de fraude eleitoral de Leonel Brizola ao jornal Última Hora⁵¹. Segundo informações dadas pelos compositores desta CPI, o ex-deputado federal e vice-governador da Guanabara, Eloy Dutra, os deputados Ulysses Guimarães (presidente da CPI) e Pedro Aleixo (relator), à ADEP*, instituição encarregada de financiar alguns candidatos nas eleições de 1962, movimentou 1 bilhão e 40 milhões de cruzeiros. O esquema se dava da seguinte forma: o IBAD arrecadava os fundos necessários para a campanha através de doações feitas por empresários norte-americanos e brasileiros. Esse dinheiro era depositado na conta da ADEP e da Incrementadoras de Vendas Promotion, empresa publicitária de Ivan Hasslocher, através do Royal Bank of Canadá. Por meio dessas doações, o conglomerado ADEP- Promotion conseguiu mobilizar a quantia de 2 bilhões e 440 milhões de cruzeiros para bancar todo o material de campanha dos 600 candidatos a deputado estadual, 250 a deputado federal além dos candidatos a governador para o estado do Pernambuco, João Cléofas e para o estado do Rio de Janeiro, Edmundo de Macedo Soares.)⁵².

Para a escolha desses candidatos, não eram levadas em consideração suas respectivas filiações partidárias, mas sim a orientação político-ideológica de cada um deles⁵³. Para se filiarem ao IBAD, estes deveriam ter aspirações anticomunistas e não possuir qualquer restrição à aplicação de capital estrangeiro ou à presença de empresas multinacionais no

⁴⁹ GORDON, Lincoln. “As Sobras do IBAD”. Pisa: Veja. São Paulo, n. 445, p 3-6, 16 mar. 1977. Entrevista concedida a Roberto Garcia.

⁵⁰ GORDON, Lincoln. “As Sobras do IBAD”. Pisa: Veja. São Paulo, n. 445, p 3-6, 16 mar. 1977. Entrevista concedida a Roberto Garcia.

*Ação Democrática Popular

⁵¹ DALCANAL, Verônica. *O Jornal A Noite e as Eleições de 1962 – O Jornalismo e o Papel dos Intelectuais*. Acesso em 22, ago, 2014. Disponível em: <http://www.cih.uem.br/anais/2011/trabalhos/229.pdf>

⁵² DUTRA Eloy, “A Sigla da Corrupção”. Editora Civilização Brasileira S.A. Rio de Janeiro. 1963, p.27.

⁵³ Idem, p. 15.

Brasil.⁵⁴ Como analisamos anteriormente, dos políticos financiados pelo IBAD para concorrer às eleições na Guanabara: Juracy Magalhães, Edmundo de Macedo Soares, Lopo Coelho e Gilberto Marinho, todos, em suas respectivas trajetória políticas, sempre demonstraram certa intransigência contra o comunismo. Todos esses esforços do IBAD e da ADEP para organizarem essa bancada, segundo consta no depoimento de Carlos Cairoli, depoente na CPI do IBAD, possuíam um objetivo muito claro: “A tomada do poder em curto prazo. Em escala crescente, apresenta um planejamento inicial de eleger uma poderosa bancada na Câmara dos Deputados, que de acordo com o Ato Adicional nº4, controla realmente a direção do país”⁵⁵.

Contudo, para garantir o sucesso deste objetivo, era imprescindível que a maioria dos candidatos ibadianos vencessem as eleições de 1962. Porque, caso o IBAD conseguisse uma boa margem de candidatos vitoriosos, isso fatalmente restringiria o poder político de Goulart, por conta da diminuição de seus aliados no congresso. Sendo assim, o caminho estaria livre para que os interesses norte-americanos no Brasil fossem resguardados.

No entanto, o sucesso nas eleições de 1962 dependia, e muito, do apoio incondicional dos principais veículos da imprensa brasileira a esses candidatos. E em termos de manipulação da imprensa o conglomerado IBAD/ADEP/Promotion investiu pesado. Como Eloy Dutra havia afirmado, somente no pleito de 62 estima-se que a instituição tenha gasto aproximadamente 2 bilhões e 440 milhões de cruzeiros⁵⁶ Essa informação nos dá o elemento chave para compreendermos o porquê da mudança tão repentina do A Noite em relação ao seu apoio a Carlos Lacerda.

Segundo consta nos autos da CPI que investigou o IBAD, a ADEP e a Promotion investiram cerca de 5 milhões de cruzeiros para alugar por 90 dias a opinião política do A Noite nos meses que antecederam as eleições de 62⁵⁷. Através das citações extraídas do periódico, analisadas anteriormente, pudemos constatar que, de fato, o A Noite realmente ofereceu seu incondicional apoio à reeleição do governador Lacerda e a diversos outros candidatos mencionados anteriormente. Todo dinheiro investido em 1962 objetivava frutos posteriores, as eleições de 1965. Não foi a toa que A Noite disseminou em suas principais páginas diversas manchetes que traziam a tona à candidatura de Lacerda com manchetes que visavam enaltecer os feitos do governador. Diante desse fato, aqui se confirma a suspeita que já era levantada há muito tempo pelos compositores da CPI que investigou o IBAD: Carlos

⁵⁴ Idem, p. 15.

⁵⁵ GORDON Lincoln. Castelo Perdeu a Batalha. Veja, São Paulo, n. 444, p. 3-8, 9 mar. 1977. Entrevista concedida a Roberto Garcia.

⁵⁶ DUTRA Eloy, “A Sigla da Corrupção”. Editora Civilização Brasileira S.A. Rio de Janeiro. 1963, p. 28.

⁵⁷ Idem, p. 14.

Lacerda, sem dúvidas, estava de fato na lista dos políticos financiados pela instituição, agindo diretamente como um empenhado funcionário de suas ações no Brasil. Com esse dinheiro advindo do IBAD e repassado pela ADEP, o A Noite ficaria incumbido de construir um discurso favorável que promovesse a campanha dos diversos outros candidatos indicados pelo IBAD. Portanto, como o nome de Carlos Lacerda aparecia na lista de beneficiados da instituição, o A Noite, em decorrência da enorme quantia de dinheiro que chegara à sua redação, subornando os editores e colunistas do jornal, não hesitou em se corromper ao mudar prontamente sua opinião a respeito da imagem política do governador.

Através dessas constatações que colocam como aliados Carlos Lacerda e o IBAD, podemos enfim, construir argumentos plausíveis que sugerem uma resposta para a segunda questão, anteriormente colocada, sobre os motivos que levaram Lacerda a censurar os jornais da Guanabara. A resposta está estruturada no seguinte argumento: Lacerda não teve dificuldades para se filiar ao IBAD, haja vista que sua postura política, anticomunista e antijanguista, já correspondiam perfeitamente com a ideologia pregada pela instituição. Sua primeira participação como funcionário do IBAD foi em 1961, na ocasião de sua oposição à posse de João Goulart à presidência da república. Goulart, como vimos, foi considerado pelos Estados Unidos uma grande ameaça à sua hegemonia política na América do Sul tendo em vista as tendências comunistas apresentadas por ele e seu partido⁵⁸. Diante do constante crescimento da adesão popular ao movimento Campanha Pela Legalidade, Lacerda teve que utilizar toda a influência política que seu cargo de governador lhe conferia para garantir, de qualquer forma, a supressão do movimento pró-Goulart que ganhava força no estado da Guanabara e no Rio de Janeiro. Logo, a alternativa encontrada por ele para estrangular o movimento foi expedir o mandato de censura aos veículos de imprensa que ousassem fazer campanha favorável à posse de Jango.

5- O RESULTADO DAS ELEÇÕES DE 1962: A FRUSTRAÇÃO DO ESQUEMA

A censura imposta por Carlos Lacerda na Guanabara acabou não dando certo. Nem toda propaganda depreciativa à imagem política de João Goulart que era feita em seu jornal, o *Tribuna da Imprensa*, a negligência da SIP e o apoio financeiro do IBAD conseguiram

⁵⁸ Da SILVA, João Carlos Ferreira. “Assaltos ao Parlamento: estudo comparativo dos episódios do Ibad e do Mensalão”, p. 18.

silenciar o movimento da Campanha pela Legalidade e assim evitar que Goulart assumisse a presidência, ato que se consuma em setembro de 1961.

Assim como o movimento contrário a Campanha pela Legalidade, as eleições de 1962 também resultaram em um enorme fracasso às pretensões do IBAD. Seu principal objetivo: controlar uma grande bancada no congresso nacional para enfraquecer politicamente o presidente João Goulart⁵⁹, foi frustrado pelo fato dos candidatos financiados pela instituição não conseguirem alterar significativamente o equilíbrio entre direita e esquerda no congresso⁶⁰. A apuração dos votos, finalizada em 16 de outubro, confirma a derrocada dos candidatos ibadianos. O PTB, partido de João Goulart, na Câmara dos Deputados apresentou a maior margem de crescimento de votos em comparação com as eleições anteriores, realizadas em 1960, ficando em segundo lugar, com 116⁶¹ cadeiras no quadro nacional de deputados eleitos, perdendo somente para o PSD, com 118⁶². Já a UDN apresentou uma queda considerável, ficando com 91 cadeiras⁶³. Se compararmos com a eleição anterior, a margem de votos do PTB cresceu consideravelmente, passando de 177.583 para 190.034⁶⁴.

Dos dois candidatos apoiados pelo *A Noite* por recomendações do IBAD ao Senado Federal, tidos como potenciais candidatos a ocupar as expressivas cadeiras no Senado, somente Gilberto Marinho venceu, ficando com 431.284 votos⁶⁵. Aurélio Viana do PTB, eleito o senador com maior número de votos no estado, 509.900⁶⁶, ocupou a primeira cadeira, minando definitivamente as chances do IBAD em conseguir unanimidade de senadores pela Guanabara. Juracy Magalhães, o candidato mais apoiado pelo *A Noite* durante a campanha eleitoral, termina em terceiro lugar, com 371.892 votos⁶⁷, não garantindo sua posse.

No quadro geral das eleições de 62, dos 11 governadores que foram eleitos, quatro eram do PTB, José Augusto de Araújo-AC, Plínio Coelho-AM, Francisco Aguiar- ES e Badger da Silveira- RJ⁶⁸. Três eram da UDN, Lomato Júnior- BA, Virgílio Távora- CE e

⁵⁹ DUTRA Eloy, *A Sigla da Corrupção*. Editora Civilização Brasileira S.A. Rio de Janeiro. 1963, p. 27.

⁶⁰ GORDON, Lincoln. *A segunda chance do Brasil: a caminho do primeiro mundo*. São Paulo: Senac, 2002. In: Da SILVA, João Carlos Ferreira. “Assaltos ao Parlamento: estudo comparativo dos episódios do Ibad e do Mensalão”. Biblioteca Digital da Câmara dos Deputados. Brasília, 2007, p. 38.

⁶¹ Portal da Câmara dos Deputados. Disponível em:

<http://bd.camara.gov.br/bd/handle/bdcamara/13038#>. Acesso em: 05 de ago. 2014.

⁶² Idem

⁶³ Idem

⁶⁴ LOPES, Guilherme Esteves Galvão. *As Eleições de 1962 na Guanabara: A Consolidação de Brizola no Cenário Político Nacional (Monografia)*. UERJ. Rio de Janeiro. 2013, p 44.

⁶⁵ Portal da Câmara dos Deputados. Disponível em:

<http://bd.camara.gov.br/bd/handle/bdcamara/13038#>. Acesso em: 05 de ago. 2014.

⁶⁶ Idem.

⁶⁷ Idem.

⁶⁸ Idem.

Petrônio Portela- PI⁶⁹. Dois do PSD, Ildo Meneghetti- RS e Seixas Dória- SE⁷⁰. Os demais candidatos vitoriosos foram um do PSP, Adhemar de Barros- SP⁷¹ e um do PST, Miguel Arraes- PE⁷². Para vice-governador, nove estados tiveram eleições, Bahia, Ceará, Espírito Santo, Guanabara, Pernambuco, Piauí, Rio de Janeiro, São Paulo e Sergipe, sendo dois estados com vitória da UDN, CE e ES; dois com vitória do PSD, PI e SE; dois com vitória do PR, SP e PE; um com vitória do PDC, BA; um com vitória do PSB, RJ e um com vitória do PTB, justamente na Guanabara. Eloy Dutra, candidato do PTB e precursor da CPI que investigou o IBAD, assume o cargo com 484.842 votos⁷³, desbancando Lopo Coelho, outro candidato da base de apoio do IBAD, que ficara na segunda posição com 402.292 votos⁷⁴. A posse de Eloy Dutra fora um golpe duro ao IBAD, pois agora a instituição e todos aqueles que corroboraram para o seu funcionamento teriam de conviver com um inimigo abertamente declarado e com plenos poderes dentro da Guanabara.

Embora o IBAD tenha sofrido nova derrota ao dividir a maioria dos governadores com o partido de João Goulart, o PTB, não se pode afirmar que todos os candidatos vinculados a UDN ou ao PSD possuíam alguma relação com o IBAD. A vitória do PTB implicava sim em uma dificuldade imensa para a instituição manter os interesses norte-americanos assegurados no Brasil pelo fato da base aliada favorável a João Goulart estar fortalecida, mas nem sempre a vitória de um candidato da UDN ou do PSD para algum cargo administrativo implicava necessariamente em uma vitória a favor do IBAD. Até mesmo alguns candidatos do PTB, em bem menor número se comparados a UDN e o PSD, possuíam vínculos com o IBAD. Como mostra René Dreifuss.

De um total de 110 parlamentares, cujo mandato dependia de financiamento da rede Ipes/Ibad/Adep que, em troca, comprava a posição de cada um contra as reformas estruturais reivindicadas pelo Executivo nacional-reformista, 46 pertenciam à UDN, 37 ao PSD, 5 ao PRP, 5 ao PTB, 4 ao PTN, 4 ao PSP, 3 ao PDC, 3 ao PR, um ao PL, um ao PRT e um ao MTR.⁷⁵

⁶⁹ Idem.

⁷⁰ Idem.

⁷¹ Idem.

⁷² Idem.

⁷³ Portal da Câmara dos Deputados. Disponível em:

<http://bd.camara.gov.br/bd/handle/bdcamara/13038#>. Acesso em: 05 de ago. 2014.

⁷⁴ Idem.

⁷⁵ KORNIS, Mônica Almeida, “Parlamentarismo Sim ou Não”. Disponível em:

http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/jango/artigos/NaPresidenciaRepublica/Parlamentarismo_sim_ou_nao. Acesso em 15. Set, 2014.

Mas o que de fato deve ser levado em conta nestas eleições são as derrotas daqueles candidatos financiados pela corrente instituição aos cargos que disputaram. Nosso campo de análise, em decorrência de espécie deste trabalho, se restringe a Guanabara e ao Rio de Janeiro, dois dos estados brasileiros mais importantes na época. E nestes estados podemos concluir que, de fato, o IBAD fracassou em seus objetivos. Como vimos Lopo Coelho, candidato a vice-governador na Guanabara, Juracy Magalhães, candidato ao senado, e Edmundo de Macedo Soares, candidato ao Governo do Rio de Janeiro, não obtiveram a vitória.

Por fim, a frustração com as eleições de 1962 minaram as possibilidades para que o golpe político interno dos Estados Unidos no Brasil se concretizasse. As duas tentativas de derrubar João Goulart, a primeira pela ilegalidade e através do atentado a constituição, quando os ministros militares impediram sua posse legítima em 1961 e a segunda por meio da fraude e da corrupção eleitoral, que de certa maneira seria uma estratégia mais velada, mais bem elaborada, utilizando-se dos meios legais que garantem os votos, resultam em fracasso absoluto, como pudemos constatar.

6-A GUERRA DECLARADA: O ÚLTIMO DISCURSO DO PRESIDENTE E A NOVA POLÍTICA DE A NOITE

No dia 6 de janeiro de 1963, ocorria o plebiscito que decidiria qual modelo político o Brasil seguiria: o parlamentarismo ou o presidencialismo. Neste dia, 11.531.030 eleitores, em um eleitorado de 18 milhões, foram às urnas para decidir democraticamente a opção de sua preferência. O resultado contou com 9.457.448 eleitores que votaram favorável à volta do presidencialismo contra 2.073.582 que desejaram a permanência do parlamentarismo⁷⁶. Após o resultado do plebiscito o país aparentava estar em relativa ordem, as eleições já haviam ocorrido e as propostas de governo para cada estado já estavam encaminhadas, o presidente já estava oficialmente empossado e os rumos da política nacional pareciam estar claramente definidos. No entanto, para alguns setores da sociedade brasileira e para a Casa Branca os “rumos” políticos que o Brasil escolhera para si não agradavam em nada.

João Goulart ainda era visto pelos Estados Unidos e pelo empresariado brasileiro como um comunista, e algumas ações do presidente deram margem para que os a Casa Branca sustentassem essa opinião. Em agosto de 1963, quando a CPI iniciada por Eloy Dutra, na

⁷⁶ Idem.

ocasião vice-governador da Guanabara, apresentava as primeiras conclusões sobre as formas de funcionamento do IBAD no país, o presidente Jango expediu um decreto de suspensão por três meses de suas ações, as ações do IPES e da Adep no Brasil, mandato esse que só foi cumprido um mês depois, em setembro. A decisão do presidente partiu depois que as investigações já se iniciaram e alguns depoimentos já haviam sido tomados, inclusive os de Ivan Hasslocher, dono e principal membro das instituições mencionadas. Hasslocher prestou seu depoimento a CPI de maneira cuidadosamente pensada, sem deixar brechas para que a comissão pudesse encontrar elementos que comprovassem a clandestinidade ou ilegalidade de suas instituições. No entanto, nem mesmo a habilidade de Hasslocher foi capaz de evitar as descobertas sobre as formas de funcionamento do IBAD.

Em novembro de 1963, tendo em vista que as investigações da CPI continuavam em andamento, Jango prorrogou por mais três meses a duração da ordem de suspensão. Porém, a ordem não foi cumprida até o final, no dia 20 de dezembro do mesmo ano, por ordem do poder Judiciário, o IBAD e a Adep foram permanentemente dissolvidos⁷⁷. Caíra o maior agente de espionagem e manipulação dos Estados Unidos na política interna brasileira. Obviamente a decisão de João Goulart pesou ainda mais negativamente contra o presidente no que tange a política externa. Os Estados Unidos não ficaram contentes com o ocorrido e isto pesaria crucialmente na decisão de depor o presidente.

Além do episódio que colocou fim as ações do IBAD no Brasil, outros dois episódios bem mais conhecidos e explorados pela historiografia contribuíram para o desencadeamento do golpe militar. O primeiro deles fora o pronunciamento do programa de reformas de base do presidente João Goulart, apresentado no Comício da Central que aconteceu no dia 13 de março de 1964. Neste comício, assistido por 150 mil pessoas no Rio de Janeiro, entre elas membros do movimento estudantil, membros de entidades sindicais de trabalhadores, servidores públicos e militares que compareceram à Praça da República, em frente à Central do Brasil, Goulart anunciara o decreto da SUPRA (Superintendência da Reforma Agrária), decreto este que previa a desapropriação das terras existentes em uma raio de dez quilômetros dos eixos rodoviários e ferroviários federais, açudes públicos federais, terras beneficiadas por obras de saneamento da União e áreas privadas inexploradas ou subutilizadas,⁷⁸ além da encampação das refinarias particulares, como as de Manguinhos, Capuava, Matarazzo entre

⁷⁷ Acesso em: 15 set. 2014. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/busca/Busca/BuscaConsultar.aspx>

⁷⁸ Manuscrito do discurso de João Goulart no Comício da Central.

outras⁷⁹. No início do ano de 1964, os projetos de reformas de base - agrária, bancária, administrativa, universitária e eleitoral já haviam sido barrados pelo congresso, a ideia do presidente com o comício era pressionar a oposição conjuntamente com a população para as medidas propostas por ele fossem aprovadas pelo Congresso.

Entretanto, os efeitos do Comício da Central repercutiram negativamente entre os setores mais conservadores da sociedade brasileira. A oposição no congresso, que fora duramente atacada no discurso do presidente e de Leonel Brizola, que também havia se pronunciado no comício, passou a se opor ainda com maior veemência contra as medidas do presidente. A partir daquele momento a conspiração contra João Goulart aumentava. A Classe média saía às ruas para protestar contra as medidas apresentadas por Jango, iniciando a série de passeatas conhecidas como Marcha da Família com Deus Pela Liberdade.

O terceiro fator decisivo foi o episódio referente à Revolta dos Marinheiros do dia 25 de março de 1964. Liderados por José Anselmo dos Santos, o cabo Anselmo, dois mil marinheiros e fuzileiros navais se reuniram no sindicato dos Metalúrgicos do Rio de Janeiro para reivindicar melhores salários para a classe, melhoria na alimentação dentro dos navios, reforma no código disciplinar da marinha e reconhecimento da associação, até então considerada ilegal pelo governo⁸⁰. Além das reivindicações os manifestantes fizeram questão de expressar abertamente seu apoio às propostas de reforma de base do presidente João Goulart.

Por se tratar de uma Associação ilegal, o ministro da marinha, Sílvio Mota, decretou a imediata suspensão do movimento ordenando que o contra-almirante Cândido Aragão debelasse a ação dos marinheiros. Cândido Aragão não só descumpriu as ordens do ministro para acabar com o movimento, a pedido de João Goulart, como se juntou a ele. Por conta da atitude do presidente, Sílvio Mota, desmoralizado, se demitiu imediatamente do ministério, onde fora substituído pelo Almirante Paulo Mário Rodrigues.

No dia seguinte à revolta, Amauri Silva, ministro do Trabalho, negociou um acordo com os marinheiros para que estes abandonassem o sindicato e se entregassem a polícia. Os marinheiros foram presos, mas logo em seguida anistiados pelo próprio João Goulart. A ação perante o exército fora um desastre. A atitude do presidente fora encarada como um ato de

⁷⁹ *Progresso com Justiça e Desenvolvimento Com Igualdade*. Rio de Janeiro. Castelar. 1911-1964.

⁸⁰ Acesso: 18/08/2014. Disponível em:

http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/artigos/AConjunturaRadicalizacao/A_revolta_dos_marinheiros

desrespeito às forças armadas do Brasil por parte do Alto Comando do Exército, que a essa altura tomava as dores do ex-ministro Sílvio Mota. Jango, que viu a tensão sobre si aumentar ainda mais, teria agora de conviver com uma crise de popularidade por parte de diversos setores militares.⁸¹

A crise com o Alto Comando do Exército gerada pelo apoio do presidente à Revolta dos Marinheiros se agravou ainda mais no dia 30 de março de 1964 quando o presidente João Goulart proferiu seu discurso para a Associação dos Subtenentes e Sargentos da Polícia Militar (ASSPM) no Automóvel Clube do Rio de Janeiro. Neste pronunciamento, Jango reinterar ainda mais seu apoio nos militares de baixa patente que o apoiaram no seu programa de reforma de base. Mas o ponto que mais pretendo chamar a atenção neste discurso, o último proferido por João Goulart como presidente da República, foi a forma como ele atacou o já extinto IBAD e como se referiu a atitude da oposição de seu governo. Vejamos alguns trechos do discurso.

“Senhores sargentos, que constituem um dos alicerces da nossa estrutura militar, a minha palavra, e meu apelo, é para que os sargentos brasileiros continuem cada vez mais unidos, cada vez mais disciplinados naquela disciplina consciente, fundada no respeito recíproco entre comandantes e comandados. Que respeitem a hierarquia legal, que se mantenham cada vez mais coesos dentro das suas unidades e fiéis aos princípios básicos da disciplina. Que continuem prestigiando as nossas instituições, porque em nome dessas instituições, em nome dessa disciplina, os sargentos jamais aceitarão sectarismos, partam de onde partirem, porque o caminho que lhes está traçado é o caminho que me foi traçado também. As reformas que nós pedimos, senhores suboficiais, senhores sargentos, as pedimos rigorosamente dentro da Constituição. As atitudes que vêm caracterizando a ação do governo, as suas providências, as leis e os decretos que vem assinando o governo em benefício do povo são também efetuados rigorosamente dentro da lei e dentro da Constituição”.

[...] “O meu mandato, conferido pelo povo e reafirmado pelo povo numa segunda vez, será exercido em toda a sua plenitude, em nome do povo e na defesa dos interesses populares. Enganam-se

⁸¹ Disponível em:

http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/artigos/AConjunturaRadicalizacao/A_revolta_dos_marinheiros. Aceso em ago. 2014.

redondamente aqueles que imaginam que as forças da reação serão capazes de destruir o mandato que é do povo brasileiro. Ainda agora, procura-se, em nome da disciplina militar, criar uma crise para dividir as gloriosas Forças Armadas do país. Quem fala em disciplina? Quem está alardeando disciplina nesta hora? Quem está procurando intrigar o Presidente da República em nome da disciplina? São aqueles mesmos que, em 1961, em nome de uma falsa disciplina, em nome de pretensa ordem e de pretensa legalidade que defendiam, prenderam dezenas de oficiais e sargentos brasileiros”.

[...] “Continuemos, ao lado das nossas mães, mulheres e filhos, a acompanhar as suas orações e a prestigiar e respeitar a sua fé e os seus sentimentos, que são também os nossos. Mas não nos iludamos diante da torpe exploração que procura envolver os sentimentos mais puros, como se a religião e a fé fossem servir de escudo a interesses contrários ao nosso país - e muito menos podemos admitir que o dinheiro do Ibad venha a macular a pureza das nossas instituições cristãs e do sentimento religioso dos nossos filhos. Não podemos permitir que esse dinheiro espúrio venha macular os sentimentos puros das nossas famílias, os sentimentos puros do povo brasileiro.[...]O Ibad, os interesses econômicos, os grandes grupos nacionais e internacionais não tem competência para julgar os atos do Presidente da República”.

[...]“Mas também faltaria com o meu dever se não alertasse o alicerce básico das nossas Forças Armadas – os sargentos – contra a terrível campanha que neste país [ilegível] contra o Presidente da República e mais especificamente contra o pensamento representado pelo Presidente. Se os sargentos me perguntassem – estas são as minhas últimas palavras – donde surgem tantos recursos para campanha tão poderosa, para mobilização tão violenta contra o governo, eu diria simplesmente, sargentos brasileiros, que tudo isto vem do dinheiro dos profissionais da remessa ilícita de lucros que recentemente regulamentei através de uma lei. É do dinheiro maculado pelo interesse enorme do petróleo internacional e de companhias nacionais contra a lei que também assinei do monopólio da importação de petróleo pela Petrobrás. É do dinheiro que se levantou contra outro ato que também praticou o Presidente da República, que foi a encampação de todas as companhias particulares de refino, mas atos que pratiquei rigorosamente dentro

da lei e no espírito da Lei 2004, criada pelo grande e imortal Presidente Vargas. Esse é o dinheiro graúdo. Se os sargentos me perguntarem sobre o dinheiro mais miúdo, mas também muito poderoso, eu diria que é o dinheiro dos proprietários profissionais de apartamentos em todo o Brasil, de apartamentos que estavam sendo negados aos brasileiros, de apartamentos que não se alugavam mais em cruzeiros, de apartamentos cujo aluguel já se exigia pagamento em dólar, como se Copacabana fosse um país estrangeiro, como se os brasileiros vivessem subordinados a outros interesses. É o dinheiro, por outro lado, senhores sargentos, de comerciantes desonestos que estavam explorando e roubando o povo brasileiro e que o governo, no direito legítimo que lhe confere a lei, defendeu e deu ordem ao Ministro Jurema para que não mais permitisse a exploração e que defendesse o povo em toda a sua integridade. Enfim, trabalhadores, enfim, militares, enfim, brasileiros, é o dinheiro dos grandes laboratórios estrangeiros de medicamentos. De laboratórios que terão que cumprir a lei ou terão que ser subordinados à lei porque o Presidente da República não vacilará um instante sequer na execução de todas as leis e de todos os decretos⁸². (Jornal do Brasil, 31/03/1964).

No primeiro momento do discurso, João Goulart, fala com os sargentos, demais militares de baixa e membros da CGT que continuem apoiando o presidente em seus projetos e nas reformas. Para isso, Jango convoca todos os membros das forças armadas para que continuem respeitando a hierarquia, a disciplina e a ordem dentro das instituições da qual servem.

Na segunda parte do discurso, da qual pretendo dar mais ênfase, João Goulart faz diretas críticas aos seus rivais políticos de longa data, alegando que as tramas conspiratórias que seu governo vem sofrendo ao longo de seu mandato partem do mesmo setor de adversários de 1961, ou seja, dos aliados e dos militares Sílvio Heck, Odylio Denys e Grun Moss, que quando na oportunidade em que compuseram os ministérios da Marinha, Exército e Aeronáutica do governo Jânio Quadros, tentaram impedir a posse de João Goulart após a renúncia do presidente. Este episódio três anos depois ainda é lembrado por Goulart como um episódio deplorável.

⁸² Discurso de João Goulart Durante Reunião de Sargentos no Automóvel Clube de 30 de Março de 1964. Jornal do Brasil 31/03/1964.

Além do ataque aos três militares, o presidente reforçou seu repúdio ao IBAD reconhecendo a participação da instituição na manipulação da política interna do Brasil através injeção de milhões de dólares. Goulart ainda é mais duro em seu discurso quando fala sobre a atuação das empresas estrangeiras no Brasil. Para ele, seguindo a mesma linha de raciocínio com que ele fez as críticas ao IBAD, estas seriam as principais responsáveis por financiar as campanhas de oposição de seu governo. A ação conspiratória destas empresas, segundo ele, foi motivada, ainda mais, em decorrência da expedição do decreto de estatização de todas as refinarias de petróleo estrangeiras instaladas no Brasil.

Esse discurso de João Goulart foi o último como presidente da República. Suas declarações podem ser vistas como uma guerra declarada aos militares que tentaram derrubá-lo em 61, às empresas internacionais instaladas no Brasil, aos agentes do IBAD e em consequência disso ao país mais influente do mundo, os Estados Unidos da América. Não foi apenas por causa do discurso que o processo de retirada de João Goulart da presidência se iniciou, como vimos ele é um processo mais antigo, esse discurso deve ser visto como o estopim, a gota d'água que fez com que o movimento golpista se materializa naquele momento. O que veremos a seguir é o resultado desta postura intransigente de João Goulart em atacar seus adversários. Resultado este que gerou um episódio incansavelmente explorado pela historiografia brasileira, onde inúmeros trabalhos por parte de historiadores, cientistas políticos, sociólogos jornalistas e intelectuais foram realizados. O Golpe Militar de 64. Ação que simbolizou a última cartada, a última tentativa, a última esperança de expurgar definitivamente João Goulart do cenário político nacional. Nesta ação desesperada não existem mais disfarces, não existem mais maquiagens, o golpe de estado se daria de maneira “nua e crua”, da forma mais abrupta e constitucionalmente desrespeitosa possível. Era a ação militar, financiada pelos Estados Unidos e apoiada por empresários nacionais que emergiu no Brasil e colocou o país por vinte e um anos sob um regime autoritário onde se institucionalizava a violação de direitos civis, o desrespeito à liberdade de imprensa e a manipulação midiática. Neste último capítulo do trabalho veremos como foi a instauração do golpe e qual a postura adotada pelo *A Noite* perante este ato.

7-A CARTADA FINAL: O A NOITE SOBRE O GOLPE MILITAR

O discurso de João Goulart no Comício da Central foi o sinal de partida para que as forças de oposição tomassem o poder. Às 22 horas e 57 minutos do dia 31 de Março de 1964 em Washington, o Departamento de Estado norte-americano determina a todos os consulados

no Brasil que informassem aos Estados Unidos caso João Goulart oferecesse alguma resistência em deixar a presidência da república⁸³. O pedido de aviso prévio era necessário para ativar a operação militar norte-americana de apoio que já vinha se propagando desde o dia 28 de março de 1964, quando o embaixador norte-americano Lincoln Gordon enviou um documento classificado como “ultra-secreto” ao Departamento de Estado, afirmando sobre as pretensões de João Goulart em aplicar um golpe ditatorial de esquerda em parceria com o PCB e a “esquerda revolucionária”⁸⁴. A informação de Gordon ao Departamento de Estado sobre o ataque planejado por Goulart se complementa com outro documento, datado do dia 30 de março, em que Gordon pede aos Estados Unidos o envio de armas clandestinas, não americanas, ao Brasil para apoiar as tropas de Castelo Branco, que também tramava contra o presidente. O pedido de auxílio militar de Gordon se justificava por sua não confiança nas forças militares brasileiras para a execução de uma ação de combate militar mais contundente contra as tropas do presidente, tendo em vista que o golpe poderia fracassar caso as tropas legalistas e as tropas golpistas entrassem em confronto⁸⁵.

Depois de muita discussão na Casa Branca, o Departamento de Estado resolveu levar o pedido de Gordon adiante. O embaixador só não imaginava que a ação militar seria maior do que ele havia planejado. No dia 31 março a “Operação *Brother Sam*”, como ficou conhecida, se iniciava. Essa operação grandiosa, porém extremamente sigilosa, consistiu no envio de:

“Um porta-aviões, um porta helicópteros, um posto de comando aerotransportado, seis contratorpedeiros (dois equipados com mísseis teleguiados) carregados com cerca de 100 toneladas de armas (inclusive um tipo de gás lacrimogêneo para controle de multidões chamado *CS Agent*) e quatro navios petroleiros que traziam combustível para o caso de um eventual boicote do abastecimento pelas forças legalistas”⁸⁶.

⁸³ As Horas do Golpe. Disponível em Folha de S. Paulo <http://aovivo.folha.uol.com.br/2014/03/30/3145-aovivo.shtml#page=11>

⁸⁴ PHYLLIS R. Parker, 1964: *O Papel dos Estados Unidos no Golpe de Estado de 31 de Março*. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira. 1977, p. 96. In: FICO, Carlos. *O Grande Irmão*. Da operação brother Sam aos anos de chumbo. O governo dos Estados Unidos e a ditadura militar brasileira. Editora Civilização Brasileira. Rio de Janeiro. 2008, p. 93-94.

⁸⁵ FICO, Carlos. *O Grande Irmão*. Da operação brother Sam aos anos de chumbo. O governo dos Estados Unidos e a ditadura militar brasileira. Editora Civilização Brasileira. Rio de Janeiro. 2008, p. 96.

⁸⁶ FICO, Carlos. *O Grande Irmão*. Da operação brother Sam aos anos de chumbo. O governo dos Estados Unidos e a ditadura militar brasileira. Editora Civilização Brasileira. Rio de Janeiro. 2008, p. 98.

Em Juiz de Fora, Minas Gerais, às 05h06 do dia 1 de abril, Olympio Mourão Filho partiu com o III Exército em direção ao Rio de Janeiro para depor João Goulart⁸⁷. No Palácio das Laranjeiras, o general Assis Brasil informou a Jango sobre o levante que se encaminhava para o Rio de Janeiro e imediatamente deu a ordem para o início dos procedimentos necessários para frear a ação dos revoltosos. Ainda em 1º de abril, enquanto Olympio Mourão aguardava na fronteira do Estado Rio de Janeiro o apoio do regimento da capital, Jair Dantas Ribeiro, ministro da Guerra de João Goulart, ordenou que o 1º, 2º, 3º e 4º Exércitos permanecessem de prontidão caso um combate contra as tropas de Mourão Filho e Luiz Carlos Guedes, que também aderira ao movimento, fosse necessária⁸⁸. Sem oferecer qualquer resistência, João Goulart pediu um avião para Brasília e logo em seguida rumou para o Rio Grande do Sul onde estavam seus principais aliados, Leonel Brizola e o III Exército.

Na Capital Federal, Auro de Moura Andrade, favorável ao movimento golpista, em virtude do abandono do presidente, declarou vaga à presidência da República nomeando Ranieri Mazzilli como o substituto de Jango.

No sul, o presidente, que já tomara conhecimento das tropas advindas de Curitiba a caminho de Porto Alegre para prendê-lo, teve de decidir entre duas opções: lutar ao lado de Brizola, Assis Brasil e o regimento de apoio rio-grandense ou fugir do país. É o fim da linha. Jango escolhe a segunda opção. O Golpe estava completo⁸⁹.

Durante o conturbado processo que culminou com a saída de Jango da presidência da república, o A Noite se notabilizou por retornar à postura política que adotara antes do pleito de 62. Contrariando toda a ideologia político partidária da qual o jornal se filiara nos meses em que a redação esteve inundada pelo dinheiro do IBAD, as edições correspondentes aos dias que culminaram com a deposição de João Goulart deixaram transparecer claramente o total apoio do jornal ao presidente. Um exemplo desta mudança está representada pela forma como o jornal procurou descrever as Marchas da Família com Deus pela Liberdade realizada na Guanabara. Vejamos como o A Noite, através desta coluna de Adailton Albuquerque, as retratou.

⁸⁷ SILVA Hélio, Olympio Mourão Filho, *Memórias de Um Revolucionário*.

⁸⁸ Jango à Nação. A Noite. Rio de Janeiro. Castelar. 1911-1964.

⁸⁹ As Horas do Golpe. Disponível em Folha de S. Paulo. Disponível em: <http://aovivo.folha.uol.com.br/2014/03/30/3145-aovivo.shtml#page=11>

“COM DEUS PELA LIBERDADE”

“JOGARAM, debaixo da porta de nossa residência uns volantes nos quais se faz um convite na participação da “MARCHA DA FAMÍLIA COM DEUS PELA LIBERDADE”. Tal marcha não passa, no entanto, de uma manifestação político partidária, das forças mais obscurantistas, retrógradas, anti-reformistas, neo-facista, golpista entreguista envolvendo, criminosamente, a fé cristã, de muita gente desprevenida influenciada pelo rolo compressor de uma imensa propaganda, dirigida, que procura criar um espírito antireformista na parcela do povo ainda pouco politizado, apresentando todo e qualquer movimento de libertação nacional, como ação comunista...Contra DEUS, contra a democracia e conta a família, a marcha, aqui na Guanabara, com o uso de inocentes católicos, na verdade, não passa de uma promoção eleitoral, em favor da candidatura presidencial do Sr. Carlos Lacerda, que afinal é contra tudo, contra todos, a favor de si mesmo”. (A Noite. 31/03/1964).⁹⁰

A prova cabal de que o A Noite abandonara definitivamente a postura política que adotara nas eleições de 62 está justificada pela forma depreciativa com que o Carlos Lacerda, candidato do jornal para Governador da Guanabara para o futuro pleito de 65, é representado na coluna acima. Mais uma vez o A Noite se detém a atacar o governador, sugerindo o abandono de suas antigas convicções políticas uma vez que o IBAD já estava extinto e Ivan Hasslocher estava sendo investigado. Durante os dias que sucederam o golpe, o A Noite concentrou todas as suas atenções em construir críticas sobre todos os focos de oposição, fossem elas civis ou militares, que tramavam contra o presidente.⁹¹

“A META É DERRUBAR O PRESIDENTE”

“Nem ao menos tem originalidade os que perturbam a vida democrática do país, com uma permanente ação conspiratória e subversiva, desde de que conseguiram levar ao suicídio o presidente Getúlio Vargas, ROUBANDO-LHE o poder que outorgou o povo. Repetem o exatamente o esquema, do golpe sob a liderança dos mesmíssimos “democratas” responsáveis pelo desfechados pelos golpes desfechados contra o governo e constituição, em várias oportunidades. Agora, aproveitando-se do episódio dos marinheiros como lançaram mãos do atentado da Rua Toneleiros, os golpistas

⁹⁰ Com Deus Pela Liberdade. A Noite. Rio de Janeiro. Castelar. 1911-1964.

⁹¹ *A Meta é Derrubar o Presidente*. A Noite. Rio de Janeiro. Castelar. 1911-1964.

revivem o ambiente pré 24 de agosto na tentativa de repeti-lo. A verdade é que o episódio dos marinheiros é o que menos os preocupam. A meta verdadeira da arregimentação é DERRUBADA DO PRESEIDENTE CONSTITUCIONAL DA REPÚBLICA, Dr. JOÃO GOULART, o criminoso que teve a audácia de investir contra os latifundiários com o decreto da SUPRA, contra os tubarões do comércio, com a sua enérgica ação, levando para a ilha das flores os ladrões do povo, contra os campeões da especulação imobiliária, baixando decretos, tabelando os aluguéis; e que continua firme em sua disposição em defender as classes assalariadas, os interesses nacionais contra o do trustes e monopólios e de, afinal, realizar as REFORMAS DE BASE, reclamadas pelo povo”.

Os ataques desferidos na coluna de Adailton Albuquerque continuam na direção de Carlos Lacerda, sabidamente pela historiografia como o principal responsável pelo suicídio do ex-presidente Getúlio Vargas, e dos demais militares contrários a João Goulart, os já conhecidos Silvio Heck, Grun Moss e Odílio Dennys, e ainda Amaury Krueel, que também aderiu aos opositores. Através desta coluna, o jornal almeja alcançar dois objetivos principais: primeiro, desmoralizar as forças opositoras do governo frente a opinião de seus leitores através da construção de uma narrativa depreciativa de suas atitudes, e segundo, sugerir um contra argumento às declarações da oposição que acusava Jango tramar um golpe comunista. Para isso, o A Noite reitera os rumores da existência de um clima de conspiração golpista no país, mas não arquitetada pelo presidente da república, mas sim por seus opositores. O mais curioso nesta coluna é presenciar a forma como A Noite elogia as medidas do governo de Jango contrárias ao monopólio econômico das grandes empresas multinacionais no Brasil, fato que deixa evidente uma grande contradição em vista de que há apenas 5 meses atrás o jornal ter apoiado nas eleições de 62 candidatos de ideologias políticas abertamente contrárias às de João Goulart.

As duas colunas mostradas acima escritas por Adailton Albuquerque, como pudemos perceber, nos mostram que o fato do A Noite apoiar durante um breve período de tempo o governador Carlos Lacerda e os candidatos que compatibilizavam com a ideologia política norte-americana só se sustentou enquanto o dinheiro do IBAD esteve presente na redação do jornal. A partir do momento em que o esquema A Noite/Ibad/Adep caiu por terra, o periódico gradativamente abandonou suas convicções anteriores, passando a adotar o discurso do qual pudemos presenciar. Nem mesmo a retirada de João Goulart da presidência, fez com que as colunas e as notas de admiração ao presidente cessarem. E embora esse discurso pró Goulart

tenha se sustentado no jornal, as críticas disparadas contra a oposição vitoriosa cessaram quando os militares nomearam a nova direção política do país. Da posse de Castelo Branco em diante este polêmico, contraditório e manipulável jornal brasileiro manteve uma postura de neutralidade política, se detendo apenas a relatar as medidas do novo governo, abandonando de vez, as polêmicas colunas em que seus editores chefes e jornalistas ousaram se pronunciar a respeito de suas ideologias partidárias.

CONCLUSÃO

A partir da análise dos acontecimentos do cenário político nacional retratados pelo A Noite entre 1961 e 1964, pudemos perceber como a postura política do periódico esteve diretamente vinculada aos interesses de instituições norte-americanas instaladas no Brasil neste período.

Vimos como os Estados Unidos, por meio do Instituto Brasileiro de Ação Democrática (IBAD), montou um forte esquema de manipulação política e midiática agindo de forma a justificar sua intenção de afastar “o vírus comunista” que ameaçava se instalar no Brasil e nos demais países da América Latina. A partir desta imensa rede de contatos que envolveram políticos e empresários nacionais e estrangeiros, O IBAD tentou garantir que os interesses econômicos norte-americanos na América Latina fossem assegurados.

Por fim, quanto ao caso do escândalo de corrupção que envolveu o A Noite, podemos concluir que o jornal, ao deixar-se manipular, tornou-se um agente a serviço dos Estados Unidos na política interna brasileira. Sabiamente, o serviço de inteligência ibadiano tinha conhecimento do eficiente papel da imprensa quanto a sua função que ia muito além da simples tarefa de narrar os acontecimentos históricos que presencia. O IBAD tentou se utilizar da capacidade da imprensa em atuar como um “ingrediente dos processos sociais” que dá forma aos acontecimentos que narra (DARNTON & ROCHE, p.1, 1989)⁹², para induzir a opinião pública da Guanabara a apoiar os candidatos indicados pelo IBAD. No entanto, isso acabou não dando certo, pois, como vimos, as eleições de 1962 não conseguiram colocar no congresso uma quantidade significativa de políticos apoiados pela referida instituição.

Todavia, o Golpe de 1964 se encarregou de concluir o objetivo o que o IBAD não conseguiu cumprir: afastar João Goulart da presidência da república e garantir uma bancada política brasileira no congresso que fosse aliada ao governo norte-americano. No entanto o Golpe deve ser visto como uma alternativa, uma solução imediata para resolver o problema protagonizado por políticos como Jânio Quadros, Leonel Brizola e João Goulart, que há muito já incomodava o empresariado brasileiro, norte americano, os membros da oposição no Congresso Nacional e a Casa Branca. A dissolução do IBAD, o Comício das Reformas e o Discurso no Automóvel Clube do dia 30 de março foram apenas o estopim, a gota d’água para o desencadeamento do golpe, não o início de todo o processo. João Goulart, antes mesmo de

⁹²DARNTON, Robert; ROCHE, Daniel. “Revolução Impressa. A Imprensa na França 1775-1800”. Editora da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1989, p. 1.

se tornar presidente da república, já era visto com repúdio pelos Estados Unidos e pelo empresariado brasileiro. Os episódios mencionados foram fundamentais para uma medida mais extrema que contribuiu para o sucesso de um projeto muito anterior.

BIBLIOGRAFIA

ABREU, Alzira Alves de. SOARES, Edmundo Macedo. FGV/CPDOC.

Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/busca/Busca/BuscaConsultar.aspx>. Acesso em: 06, set, 2014.

AVILA DE MATOS, Eloísa Ap. Silva. O Programa Aliança Para o Progresso: O Discurso Civilizador Na Imprensa e a Educação Profissional no Paraná– Brasil. Buenos Aires,2008.

BIAL, Pedro et al. “A Noite” . Hemeroteca Nacional Digital. Rio de Janeiro. Disponível em: <http://hemerotecadigital.bn.br/artigos/noite>. Acesso em 03 dez. 2013

COELHO, Lopo. FGV/CPDOC. Disponível em:

<http://www.fgv.br/cpdoc/busca/Busca/BuscaConsultar.aspx>. Acesso em 11, set. 2014.

DARNTON, Robert; ROCHE, Daniel. Revolução Imprensa: A Imprensa na França 1775-1800. New York Public Library, Astor and Tilden Foundation. New York, 1989.

DA SILVA, João Carlos Ferreira. Assaltos ao Parlamento: estudo comparativo dos episódios do Ibad e do Mensalão. Biblioteca Digital da Câmara dos Deputados. Brasília, 2007.

DREIFUSS, René. A Conquista do Estado. Editora Vozes. 3ed. Petrópolis, 1981.

DUTRA, Eloy. Sigla da Corrupção. Editora Civilização Brasileira S.A. Rio de Janeiro, 1963.

FICO, Carlos. O Grande Irmão. Da operação brother Sam aos anos de chumbo. O governo dos Estados Unidos e a ditadura militar brasileira. Editora Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 2008.

GORDON, Lincoln. A segunda chance do Brasil: a caminho do primeiro mundo. São Paulo: Senac, 2002. In: DA SILVA, João Carlos Ferreira. Assaltos ao Parlamento: estudo comparativo dos episódios do Ibad e do Mensalão. Biblioteca Digital da Câmara dos Deputados. Brasília, 2007.

GORDON Lincoln. Castelo Perdeu a Batalha. Veja, São Paulo, n. 444, p. 3-8, 9 mar. 1977. Entrevista concedida a Roberto Garcia.

LOPES, Guilherme Esteves Galvão. *As Eleições de 1962 na Guanabara: A Consolidação de Brizola no Cenário Político Nacional* (Monografia). UERJ. Rio de Janeiro. 2013, p 44.

MOREL, Edmar. *O Golpe Começou em Washington*. Editora Civilização Brasileira S. A. Rio de Janeiro, 1965.

PHYLLIS R. Parker, *1964: O Papel dos Estados Unidos no Golpe de Estado de 31 de Março*. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira. 1977, p. 96. In: FICO, Carlos. *O Grande Irmão*. Da operação brother Sam aos anos de chumbo. O governo dos Estados Unidos e a ditadura militar brasileira. Editora Civilização Brasileira. Rio de Janeiro. 2008, p. 93-94.

SCHLESINGER. The Alliance for Progress: A Retrospective. In: HELLMAN, R. G. & ROSENBAUM, H. J. (eds.). *Latin America: The Search for a New International Role*. New York: J. Wiley. 1975. In: AVILA DE MATOS, Eloísa Ap. Silva. *O Programa Aliança Para o Progresso: O Discurso Civilizador Na Imprensa e a Educação Profissional no Paraná–Brasil*. Buenos Aires, 2008.

SILVA Hélio, Olympio Mourão Filho, *Memórias de Um Revolucionário*. L&PM. Rio de Janeiro. 1978.

Contra a Constituição Não! “A Noite”. Rio de Janeiro: Castelar. 1911-1964.

Juraci Continua Conquistando a Cidade. “A Noite”. Rio de Janeiro: Castelar. 1911-1964.

Censura ao A Noite. Rio de Janeiro: Castelar. 1911-1964.

“A Noite” Bate as Portas da Justiça Contra a Censura. Rio de Janeiro: Castelar. 1911-1964.

Câmara Pediu ‘Impeachment’ Contra Lacerda. Rio de Janeiro: Castelar. 1911-1964.

Progresso com Justiça e Desenvolvimento Com Igualdade. Rio de Janeiro. Castelar. 1911-1964.

Discurso de João Goulart Durante Reunião de Sargentos no Automóvel Clube de 30 de Março de 1964. Jornal do Brasil 31/03/1964.

Inquérito do IBOPE na Guanabara: Jango deve ou Não Ser o Presidente da República?. Rio de Janeiro: Castelar. 1911-1964.

A Insurreição das Consciências. “A Noite”. Rio de Janeiro: Castelar. 1911-1964.

Lacerda entre a Renúncia e o Impeachment. “A Noite”. Rio de Janeiro: Castelar. 1911-1964.

Nem Só de Toucinho Vive o Homem. “A Noite”. Rio de Janeiro: Castelar. 1911-1964.

S.I.P Decide Lavar as Mãos Para o Caso de Censura à Imprensa da Guanabara. “A Noite”. Rio de Janeiro: Castelar 1911-1964.

Forças Democráticas Venceram na GB. “A Noite”. Rio de Janeiro: Castellar. 1911-1964.

Um Político Por Semana. “A Noite”. Rio de Janeiro. Castelar. 1911-1964.

Lacerda: 63 Será o Ano da Saúde Pública. “A Noite”. Rio de Janeiro: Castelar. 1911-1964.

As Horas do Golpe. Disponível em Folha de S. Paulo
<http://aovivo.folha.uol.com.br/2014/03/30/3145-aovivo.shtml#page=11>

Jango à Nação. “A Noite”. Rio de Janeiro. Castelar. 1911-1964.

Com Deus Pela Liberdade. “A Noite”. Rio de Janeiro. Castelar. 1911-1964.

A Meta é Derrubar o Presidente. “A Noite”. Rio de Janeiro. Castelar. 1911-1964

Portal da Câmara dos Deputados. Disponível em:

<http://bd.camara.gov.br/bd/handle/bdcamara/13038#>. Acesso em: 05 de ago. 2014.

COUTINHO, Amélia. MAGALHÃES, Juraci. FGV/CPDOC. Disponível em:

http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/juraci_magalhaes. Acesso em 11, set. 2014

DALCANAL, Verônica. *O Jornal “A Noite” e as Eleições de 1962 – O Jornalismo e o Papel dos Intelectuais*. Aceso em 22, ago, 2014.

Disponível em: <http://www.cih.uem.br/anais/2011/trabalhos/229.pdf>
